

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data
cod <i>A2D00038</i>

Antropologia e Lingüística

A Contribuição da Lingüística para a Pré-História Tupí-Guaraní

Trabalho de Semestre em: "Antropologia do Brasil Indígena"

Instituto: IFICH — UNICAMP

Professor: Robin Wright

Aluno: Sebastian Drude

Dezembro 1994

(Versão levemente corrigida em Março 1999)

*Para o ISA com um
grande abraço!*

Sebastian

Conteúdo

0	Introdução	1
1	Metodologias	2
1.1	Historiografia	2
1.2	Etnohistoriografia	2
1.3	Arqueologia	2
1.4	Linguística	3
1.4.1	Linguística Histórica e outros métodos linguísticos	3
1.4.2	Particularidades da Linguística Histórica	4
1.4.3	Métodos adicionais opcionais	6
1.5	Conclusão	7
2	Os Tupi-Guaraní	8
2.0	Preliminares	8
2.1	Métodos Historiográficos	10
2.1.1	von Martius	10
2.1.2	A. Metraux	11
2.1.3	K. Nimuendajú	11
2.1.4	Outros	12
2.1.5	Autores não consultados	12
2.2	Arqueologia	12
2.3	Linguística Não-Reconstructivista	15
2.3.1	W. Schmidt	15
2.3.2	Loukotka	16
2.3.3	Rivet e Loukotka	17
2.3.4	Mason	17
2.3.5	H. Firestone	18
2.3.6	J. Greenberg e Voegelin e Voegelin	19
2.4	Linguística Reconstructivista	21
2.4.1	A. Rodrigues: Primeiras Classificações	21
2.4.2	M. Lemle: Primeira Reconstrução	23
2.4.3	W. Dietrich	24
2.4.4	A. Rodrigues: a Classificação Recente	25
2.4.5	Cheryl Jensen: Linguística Diacrônica (Waiãpi)	25
2.4.6	A. Rodrigues: Relações Tupi-Karib	26
2.4.7	Outros Trabalhos 1: O Museu Nacional	27
2.4.8	Outros Trabalhos 2: O Museu Goeldi	28
2.4.9	G. Urban: O Primeiro Resumo	29
2.5	Conclusão: Uma Hipótese	30
	Apêndices	36
A	Abreviações	36

B Mapas e Gráficos	39
B.1 A. Metraux	39
B.2 H. Firestone	40
B.3 Ch. Loukotka	41
B.4 W. Dietrich	42
B.5 G. Urban	43
B.6 A. Rodrigues	44
B.7 Uma Hipótese	45

Bibliografia	46
---------------------	-----------

Lista de Tabelas

1 Um exemplo fácil	4
2 Um exemplo difícil	4
3 As famílias do Tronco Tupí	8
4 Os 8 subconjuntos de Rodrigues (1985)	26

Lista de Figuras

1 A Hipótese para o Exemplo fácil	5
2 Uma primeira Hipótese para o Exemplo difícil	5
3 Uma outra Hipótese para o Exemplo difícil	6
4 A Hipótese dos Dialectos	6
5 Classificação de Masons	18
6 A Classificação de Greenberg	20
7 Classificação de 1949 por Rodrigues	21
8 Tupí-Guaraní interno segundo RODRIGUES 1964	22
9 Classificação de M. Lemle	23
10 Agrupamento de Dietrich	25
11 Resultados segundo a Hierarquia Referencial	29
12 Diversificação Tupí-Guaraní segundo G. Urban	30
13 Uma Hipótese.	32
a Migrações Históricas segundo A. Metraux	39
b As divisões dos Tupí segundo Firestone	40
c A dispersão Tupí-Guaraní segundo Loukotka	41
d línguas amazônicas e não-amazônicas opostos por Dietrich.	42
e As três ondas migratórias propostas por Urban.	43
f Os oito conjuntos estabelecidos por Rodrigues.	44
g Uma hipótese preliminar.	45

0 Introdução

Um ramo importante da antropologia brasileira tenta reconstruir a pré-história dos povos indígenas deste país e, conseqüentemente, das regiões limítrofes, pois as fronteiras nacionais são uma criação artificial e recente, muitas vezes, até hoje, sem significação para os povos em questão.

Para uma tal reconstrução, este ramo a *Etnohistoria* – usa métodos de gêneros mais diversos. Os resultados deveriam ser comparados e avaliados uns à luz dos outros, uma tarefa que muitas vezes fica por fazer. Este texto pretende dar uns primeiros passos nesta direção. Ele tem porém, para se limitar, três focos:

- os povos aqui tratados serão os das línguas Tupí-Guaraní.¹
- os métodos mais exaustivamente tratados, por mim, vão ser os que tentam resgatar as *migrações* destes povos
- algo contraditoriamente à exigida multidisciplinariedade, não deixo de ter conhecimentos melhores na lingüística e poucos nas outras disciplinas aqui discutidas. E entre estes, pois, vamos nos concentrar aos que usam a *lingüística*.

Com tais limitações, este texto se dirige à antropólogos e outros interessados que não tem uma grande familiaridade com a lingüística, não exclusiva, mas especialmente àqueles que estão interessados na pré-história tupí-guaraní. Para tratar este objetivo, dividimos o texto em duas partes:

- A primeira vai fazer uma exposição e avaliação dos vários métodos usados para a reconstrução da pré-história indígena, com uma ilustração mais ampla dos métodos lingüísticos.
- A segunda pretende fazer uma revisão das várias tentativas da reconstrução da pré-história dos povos Tupí-Guaraní. Para isto, vai ser preciso expor várias classificações destas línguas os quais não pretendem necessariamente especular sobre as migrações destes povos. Mas, partindo destes trabalhos, vai ser possível fazer uma própria tentativa de reconstruir as migrações deles, o que vai fechar a segunda parte deste trabalho.

De interesse especial são os anexos. Primeiro damos uma proposta para um sistema unificado de siglas / abreviações para as línguas do tronco Tupí e afins. Investi um bucado de tempo nesta proposta e estaria feliz se ela servisse não somente para este texto, mas também para os de colegas. Adoraria ouvir comentários ao respeito.

Depois tentei visualizar as propostas mais importantes e recentes, usando um conjunto de mapas, partindo do mapa, já histórico, de A. METRAUX.

Last but not least compilei uma bibliografia de quase oitenta títulos. Apesar da riqueza do material, esta bibliografia está longe de ser completa. Sugestões e 'dicas' e comentários estão sempre bem-vindas.

¹Para facilitar a leitura, nomes de línguas vão aparecer sem serifes, palavras-chaves, muitas vezes definidas no texto, *incluadas* e nomes de autores em MAIÚSCULAS.

1 Metodologias

Os métodos para a reconstrução de migrações pré-históricas se diferenciam por vários aspectos, dos quais talvez a profundidade temporal seja o mais destacante. Nós caracterizamos cada um por se.

1.1 Historiografia

O primeiro método é a historiografia. Usando fontes que mencionam a localização de um dado povo, é possível reconstruir migrações e dispersões, bem como a demografia da população indígena deste continente a partir da colonização.

Nem sempre é fácil identificar um povo mencionado em uma fonte com um povo atual ou mencionado em outra fonte, pois a nomenclatura dos povos até hoje não é unificada ou homogênea.

Fora desta dificuldade, o método oferece os resultados mais confiáveis, porém de pouca profundidade temporal: acontecimentos antes do século XIV, no máximo, não vão ser tratáveis por este método.

1.2 Etnohistoriografia

Meio idiosincrático, vamos referir-nos a um outro método, muito próximo do primeiro, como *etnohistoriográfico*.

A etnohistória atual valoriza cada vez mais a memória dos próprios protagonistas ou os descendentes destes, analisando mitos ou outros elementos da tradição histórica oral. Combinando este método com o anterior, usando fontes (muitas vezes coloniais) que falam da tradição histórica oral de povos indígenas, pode-se alcançar uma profundidade temporal de uns séculos a mais.

Fora das dificuldades já mencionadas ao tratar a historiografia, precisa-se muitas vezes de um profundo conhecimento do contexto cultural para extrair de um mito o que nós, brancos, entendemos por "história." Esta necessidade de uma interpretação traz consigo um fator de incerteza. Resultados de tal metodologia precisam ser avaliados sob a luz de outros métodos.

1.3 Arqueologia

Um outro método vem provido pela arqueologia. Dependendo dos vestígios da população pré-histórica, ela pode dar resultados que vão atrás até o início da migração para as Américas. Pelo menos mede-se a sua profundidade temporal não em séculos, mas milênios.

Mais ainda que no caso dos dois métodos, já apresentados, existe a dificuldade de correlacionar uma certa cultura material com um povo existente ou histórico.

Também nem sempre é fácil decidir se uma homogeneidade cultural era produto de uma migração (e, se se pode decidir que sim, resta a pergunta: em que direção?) ou um contato de trocas etc. Finalmente resta a desvantagem de ter-se que limitar à cultura material que deixa vestígios e, então, dá uma impressão bastante restrita.

1.4 Lingüística

Sempre fala-se da contribuição da lingüística ao conhecimento da pré-história dos povos indígenas. Mas “lingüística” refere-se muitas vezes a métodos bastante diferentes. Eles têm normalmente em comum compararem línguas e fazerem afirmações sobre o (possível) parentesco entre elas. Muitas vezes chega-se a uma classificação, isto é, um agrupamento de línguas por grau de parentesco, como “dialetos,” “muito semelhantes,” “famílias de línguas” ou grupos com um parentesco mais remoto (p.ex. um “tronco lingüístico”).

Os fatos subjacentes são os seguintes: Se uma população, falante de uma língua, digamos “A”, se separa em partes, seja por contínua dispersão, seja por grandes migrações, estas partes vão no princípio continuar falando a mesma língua A. Mas como é uma propriedade universal e fundamental da linguagem humana que esta se muda com o tempo, as partes vão alterar sua linguagem, e, na maioria das vezes, tais alterações vão ser diferentes em cada parte. Com o tempo falamos de dialetos diferentes, e depois de alguns séculos estes dialetos vão ser mutuamente ininteligíveis, que é o primeiro passo ao se formarem duas línguas diferentes, *Aa* e *Ab*, p.ex.

Como a origem de tais línguas é uma concreta “Língua mãe” ou *proto-língua* (A, no caso), muitas vezes, o passado comum destas línguas (*Aa* e *Ab*) fica concebível. Ao encontrar línguas desta maneira aparentadas, pode-se especular com uma base bastante sólida sobre um passado comum dos ancestrais dos falantes.

1.4.1 Lingüística Histórica e outros métodos lingüísticos

A lingüística tem desenvolvido todo um conjunto de técnicas para descobrir a possível origem comum de grupos de línguas. Eu aconselho muito a leitura da exposição brilhante de T. KAUFMAN [Kau90] para compreender os detalhes.

Pelo menos não devem-se confundir métodos estatísticos ou impressionistas com a lingüística histórica comparativa no sentido próprio (em seguida: *ling. hist.*). Aquelas fazem hipóteses através de semelhanças lexicais ou, às vezes, gramaticais, sobre o parentesco de línguas. A *ling. hist.*, por sua vez, estabelece correspondências fonológicas regulares de *cognatos* (palavras que são variações específicas através do tempo, de uma palavra na *proto-língua*) e reconstrói as formas destas hipotéticas palavras na *proto-língua* (a base dos *cognatos*), e avança até reconstruir grandes partes do léxico e partes da gramática desta. Assim as mudanças de cada língua desde a *proto-língua* podem ser re-esboçadas, e a participação comum em regras de alterações no caminho podem estabelecer o parentesco de línguas. Isto tem, entre outras, a grande vantagem de poder diferenciar entre o origem comum ou um contato posterior de duas línguas que deixou *empréstimos* (palavras originais de uma língua usada por outra) numa ou nas duas línguas.

Uma desvantagem é que se precisa de material bastante completo das línguas que se querem investigar, material que muitas vezes, no caso das línguas da América do Sul, não é disponível. Também fica restrito o alcance temporal pela possibilidade de reconstruir uma *proto-língua* ou não. No caso das línguas indo-européias, com o estudo dos quais basicamente se desenvolveram estas técnicas,

se chega com um certo grau de certeza a uma *proto-língua* que se pode ter falado uns 5000 a 6000 anos atrás.

Sem esta base sólida de uma reconstrução restam só especulações, muitas vezes pré-requisitos para se iniciarem análises do tipo da bem-estabelecida *ling. hist.*.

Os outros métodos que usam a lingüística podem dar afirmações hipotéticas muito mais remotas, procurando conexões entre troncos lingüísticos inteiros, como se especula sobre um origem comum mais remoto das línguas indoeuropeias e semitas ou até outras mais longínquas. Tais especulações têm, pois, uma profundidade temporal muito maior.

Mas estas especulações não devem ser confundidas com os resultados da *ling. hist.*, que são incomparavelmente mais seguros.

Um perigo em todos os casos é identificar línguas com povos. Certas vezes sabe-se que uma língua é falada por um povo que originalmente falava uma outra língua. Neste caso fala-se de um *substrato* para designar vestígios no léxico ou na gramática deixados pela língua original.

1.4.2 Particularidades da Lingüística Histórica

Exatamente porque ela procura uma rigidez máxima, a *ling. hist.* têm, além dos mencionados, certos problemas metodológicos e teóricos. Vamos ilustrar estes por um caso abstrato hipotético: Imaginamos quatro línguas *a*, *b*, *c* e *d*, cuja *proto-língua* já esteja estabelecida. Estas línguas compartilham certas propriedades (ou “traços”, digamos: I, II e III), como a mudança de *p*, na *proto-língua*, para *f*, por exemplo, ou a perda de consoantes no final da palavra. Se estas propriedades se distribuem às línguas como na **tabela 1**, então é fácil estabelecer o desenvolvimento histórico destas línguas: diríamos que se separou a *proto-língua* em dois grupos, um o antecedente de *a*, que frente dos critérios I, II e III se mostra conservadora, e um outro, antecedente dos futuros *b*, *c* e *d*, onde se desenvolveu o traço I. Este segundo grupo se dividiu mais uma vez nas línguas “proto-*b*” (ou, nas figuras, em geral *p-xyz*) e “proto-*c + d*,” o segundo mostrando o traço II que não se desenvolve na futura língua *b*, e assim por diante. Estabeleceríamos uma classificação destas línguas, talvez representada por um diagrama tipo “árvore” como na **figura 1**.

Língua:	<i>a</i>	<i>b</i>	<i>c</i>	<i>d</i>
Propriedade:		I	I, II	I, II, III

Tabela 1: Um exemplo fácil

Mas a vida nem sempre é tão fácil. Muitas vezes as línguas mostram um comportamento exemplificado pela **tabela 2**.

Língua:	<i>a</i>	<i>b</i>	<i>c</i>	<i>d</i>
Propriedade:		I	I, II	II, III

Tabela 2: Um exemplo difícil

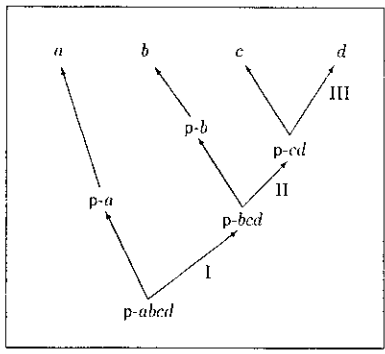


Figura 1: A Hipótese para o Exemplo fácil

Agora resta ao pesquisador decidir segundo quais critérios ele vai estabelecer uma classificação coerente (cf. o citado de CH. JENSEN na p. 26). Isto vai depender do caráter das propriedades I, II e III. Digamos, por exemplo, que traço I é muito particular (como a mudança de *p* para *l*), enquanto traço II é uma mudança comum, como a perda de consoantes finais. Como é difícil imaginar que línguas *b* e *c* fizeram uma mudança tão incomum independentemente, ele vai levantar a hipótese que estas duas línguas se diferenciaram só depois desta mudança uma da outra, mas antes dela das demais. Então ele vai estabelecer uma classificação ilustrada por figura 2.

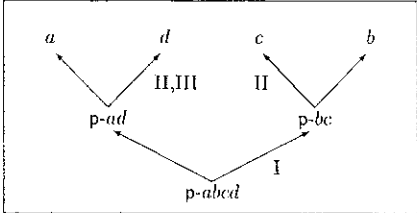


Figura 2: Uma primeira Hipótese para o Exemplo difícil

Enquanto quando o investigador valorizar traço II mais marcante e incomum, ele vai chegar a uma outra solução (figura 3).

Como se pode ver, os resultados são opostos quanto às línguas *b* e *d*, certo é somente que *a* e *c* se separaram relativamente cedo.

Uma outra solução se fez na pesquisa nas línguas indoeuropeias cada vez mais indispensável, apesar de não ser muito satisfatória: A hipotética *proto-língua* pode nunca ter existido, mas teria sido, por sua vez, um conjunto de vários dialetos constituindo uma unidade lingüística. Dialetos interligados mostram um comportamento como exemplificado pela tabela 2, com compartilhamento diferenciado

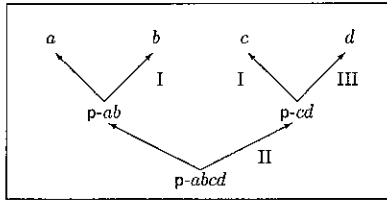


Figura 3: Uma outra Hipótese para o Exemplo difícil

de traços típicos, sem prover uma classificação em conjuntos e subconjuntos.

A “árvore” correspondente a uma hipótese como esta seria simplesmente como na figura 4.

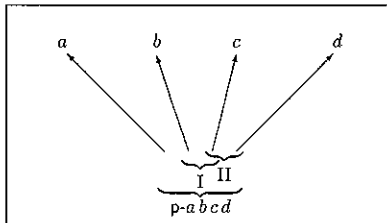


Figura 4: A Hipótese dos Dialectos

1.4.3 Métodos adicionais opcionais

Isto quanto à *ling. hist.* propriamente. Ela tem umas ampliações, por exemplo um método desenvolvido basicamente pelo lingüista M. SWADESH (ver [Swa52], cf. [Swa55a], [Swa55b] e [Swa59]), que se chama “glotocronologia” (compare [Gud64]).

Apesar de também usar a estatística, esta não deve ser confundida com os métodos especulativos que mencionamos acima. A glotocronologia pressupõe a *ling. hist.* e compara depois o léxico das línguas em questão, partindo da observação que, no decorrer do tempo uma parte das palavras usadas deixa de ser usada, normalmente substituída por outras (ou da mesma língua ou por palavras de outras línguas, *empréstimos*). Surpreendentemente a percentagem de palavras assim “perdidas” parece ser uma constante em qualquer língua do mundo, assim que se pode calcular há quantos anos atrás se separaram duas ou mais línguas.

Para usar este método, precisa-se um conhecimento profundo das línguas em questão e da *proto-língua* reconstruída, por exemplo para poder distinguir *cognatas* de *empréstimos*. Se não se obedece a estes pré-requisitos, não se trata de *glotocronologia*, mas, sim, de um método especulativo, que usa a estatística para estabelecer hipóteses sobre o possível parentesco de línguas.

Outro método para reconstruir o passado histórico de povos falantes de línguas aparentadas é analisar o proto-léxico reconstruído. Palavras que designam entidades culturais podem possibilitar afirmações sobre a cultura do povo que falava a *proto-língua*, enquanto entidades que não possuem palavras cognatas provavelmente são inovações feitas depois da diferenciação espacial que deu origem aos povos atuais.

Da mesma maneira pode-se especular sobre o ambiente no qual viveu o “proto-povo” -- palavras *cognatas* em todas as línguas, que designam entidades da flora ou fauna, indicam com alguma probabilidade que os falantes da *proto-língua* já conheciam tais entidades. Estes métodos, mais uma vez, precisam da aplicação anterior rigorosa do método da *ling. hist.*. E ainda assim se tem que tratar os resultados com muito cuidado — a história da reconstrução da “Urheimat” (terra origem) na Alemanha nazista que queria mostrar que os “Arianos” alemães seriam os mais originais de todos os povos europeus, mostra claramente o perigo do abuso destes métodos se não usados com rigor e cuidado.

Uma última técnica ajuda na busca de lugares de origem: segundo uma hipótese bastante popular o ponto de partida de uma dispersão lingüística seria a região na qual se encontra a maior diversidade lingüística atual.

Eu pessoalmente acho que este raciocínio deve-se usar com muitíssima cautela, pois uma diversidade numa região determinada pode surgir devido às mais diversas razões. Se o padrão da dispersão é de migrações contínuas e curtas, então a hipótese pode muito bem ser válida. Agora, se a região em questão é, por exemplo, montanhosa, então nem sempre uma grande diversidade lingüística é indicação de origem, pois montanhas sempre são favoráveis a um isolamento de povos, então, a uma diversificação lingüística (compare o comportamento das línguas românicas: a maior diversidade encontramos nos Alpes e nos Pirineos, sem que estes, obviamente, seriam a origem desta família lingüística).

1.5 Conclusão

Assim vimos que cada método tem suas vantagens e desvantagens, normalmente paga-se uma profundidade temporal maior com uma perda de confiabilidade. Cada método tem a dificuldade de relacionar um povo do passado com povos atuais ou históricos, porque com o tempo as entidades seguintes estão subjugados a mudanças e transições de povo a povo:

- designações de povos (no caso da historiografia e etnohistoriografia)
- a cultura material (no caso da arqueologia) e
- palavras e em geral as línguas de povos (no caso dos métodos lingüísticos).

Em todo caso, é necessário conferir os resultados de um método com outros existentes e declarar sinceramente as limitações do método usado.

Vamos mostrar isto ao investigar o caso dos povos de línguas Tupí-Guaraní em diante.

2 Os Tupí-Guaraní

2.0 Preliminares

Se costuma lamentar os dados escassos sobre as línguas do Brasil e da América do Sul em geral. Apesar disto tem alguns resultados notáveis que se resumiram nos últimos anos. Uma exposição geral sobre as línguas do Brasil encontra-se em RODRIGUES [Rod86] que também serve como uma rica bibliografia. Existem raros casos de discussões da significação dos resultados para a antropologia, p.ex. pelo lingüista GREG URBAN (cf. [Urb92]) na coleção editada por CARNEIRO DA CUNHA [dC92].

Os Tupí-Guaraní são uma exceção no quadro geral dos povos da América do Sul. Deles têm-se mais estudos feitos e material disponível que a vasta maioria dos povos do Brasil e suas línguas.

Tupí e Tupí-Guaraní. Deve-se diferenciar entre a língua Tupí² —um conjunto de dialetos que eram falados em toda costa brasileira em 1500, incluindo o Tupinambá, o Tupiniquím e o Potiguára, entre outros— num lado e os povos de língua Tupí-Guaraní —uma família de línguas que A. RODRIGUES compara quanto ao grau de parentesco com as línguas romanas, o Tupí próprio sendo uma delas, o Guaraní uma outra— no outro lado. Finalmente, há, além das mencionadas, umas línguas que têm um parentesco mais remoto com esta família e que, portanto, pertencem juntos ao “tronco lingüístico Tupí” que abrange a família Tupí-Guaraní e outras famílias. Vamos limitar-nos em seguida aos povos Tupí-Guaraní, isto é, os que falam uma língua da família Tupí-Guaraní. Quanto às outras, vamos somente expor aqui brevemente a classificação de A. RODRIGUES [Rod85] para o tronco Tupí, que contém as famílias expostas na **tabela 3**.

	Nome	Abbrev.
1	Tupí-Guaraní	(TG)
2	Tuparí	(TP)
3	Mondé	(MD)
4	Arikém	(AR)
5	Ramaráma	(RR)
6	Mundurukú	(MR)
7	Jurúna	(JR)
8	Puruborá	(PR)
9	Awetí	(AW)
10	Mawé / Sateré	(MW)

Tabela 3: As famílias do Tronco Tupí

As três últimas destas famílias têm tradicionalmente um só membro (que é a mesma coisa como dizer que estes membros são línguas isoladas do tronco Tupí), ou mesmo amaeça em breve (ou já é o caso) em outras famílias: da fam. Ramaráma

²Preferimos, para não causar confusões, chamar esta língua de Tupinambá (ou “Tupí próprio”).

resta só a língua *Karo*, da fam. *Arikém* só o *Karitiana*, línguas de outras famílias já estão agonizando (o *Xipaya*, da fam. *Jurúna* tem dois falantes, etc.).

As relações entre estas famílias do tronco *Tupí* não foram tratadas detalhadamente (que eu saiba) até agora, mas supõe-se que *Awetí* e *Mawé* têm um grau de parentesco maior com a família *Tupí Guarani* que as outras, relações semelhantes entre outras famílias devem existir. Um indício é, por exemplo, que a família *Mundurucú* era contado como membro da família até uns anos atrás.

Para os nomes das diferentes línguas, proto-línguas etc. propomos, no anexo, um sistema de abreviaes (cf. A, pg. 36). Estas convenções já foram usadas na tabela 3 e vão ser usadas no restante do texto.

Arranjo da exposição. Para ordenar a vasta literatura sobre as línguas e povos *Tupí-Guarani* ordenamos os resumos da seguinte maneira:

- damos quatro seções segundo o método prevaemente da obra: – historiografia e / ou etnohistoriografia, – arqueologia, – classificações lingüísticas que não fazem uso de reconstruções, – *ling. hist.* e semelhantes.
- dentro de cada seção damos primeiramente a literatura que utilizamos e depois mencionamos as contribuições aos quais não tivemos acesso mas que devem ser usados para completar este trabalho. Apesar disto é claro que esta lista de literatura por maneira alguma pode ser exaustiva ou completa.
- dentro destas seções seguimos mais ou menos pela ordem cronológica.

Damos mais atenção às seguintes questões, algumas delas polêmicas entre os autores:

- agrupamentos ou classificações dos povos de língua *Tupí-Guarani*
- evidências lingüísticas para estes agrupamentos
- questão da origem primitiva destes povos
- questão da ocupação da costa: norte-sul ou sul-norte?
- conexões entre o *Tupí* e outros povos indígenas.

2.1 Métodos Historiográficos

A literatura nesta área é interminável. Nós aconselhamos procurar a bibliografia de P. AYROSA [AYr43] e a mais recente de B. MELIÀ sobre o Guaraní [MS69].

Conseqüentemente, damos aqui uma restrita seleção.

2.1.1 von Martius

Ainda não existe uma tradução da obra-prima de v. MARTIUS, estudioso da tradição de viajantes e pesquisadores alemães no Brasil. Além de uma ampla coleção de material lingüístico no segundo tomo desta obra, v. MARTIUS descreve os povos Tupí-Guaraní que ele conhece no primeiro tomo.

Em algumas instâncias ele chega a fazer afirmações sobre a “origem” dos Tupí-Guaraní (as traduções são minhas):

- p. 51 s: “Provavelmente dispersaram-se partindo dos países nos rios Paraguay e LaPlata em múltiplos cursos em direção ao norte e nordeste, até o Amazonas e as costas do oceano. Isto, porém, não aconteceu de maneira que eles submeteram e conquistaram a região toda, mas eles se estabeleceram entre outras tribos, diferentes deles, de forma que ocasionalmente umas palavras da língua deles passaram à dos seus vizinhos.”
- p. 157: “... os Tupinambá, sem dúvida outrora um povo no sentido da história europeia...”
- p. 176 s: [avaliando a obra de VARNHAGEN (História Geral do Brasil, t. 1, p. 106), que disse que o berço dos Tupí-Guaraní tem sido as beiras do Amazonas, onde viveram os Omaguas]: “[se ele disse...] que este povo, originalmente agrícola, depois escolheu a navegação e se dispersou rio-abaixo até o oceano, de tal maneira que migraram pela costa até o sul distante, então eu tenho que confessar em aderir à opinião oposta...”
- p. 179: “... que as frações da nação Tupí que se encontraram ou vivem até hoje em dia na costa ou no norte do país, chagaram do sul, em várias migrações repetidas, isto diz um mito muito comum entre eles, também ouvido por mim pessoalmente.”
- p. 182: “... que o primeiro berço dos Tupis não se encontrou nas regiões ocidentais, onde se encontram atualmente seus traços, [isto é] nas províncias bolivianas de Sta. Cruz, Moxos e Chiquitos, é mais do que provável; pois também aqui chegaram já num estado de dissolução nacional!”
- p. 765 s: “Ainda esta aberta a pergunta: para onde devem achar-se os focos mais tempranos dos Tupis. Mas, aparentemente, tem muito em seu favor a hipótese que foram as paisagens de Cochabamba e Chuquisaca, e que a partir dali, onde ainda atualmente se ouve o Guaraní na boca da população indígena, uma multidão guerreira se dispersou sobre uma grande parcela do continente, cuja influência se sente até hoje no interior do país e na costa do norte...”

Eu não sei explicar a discrepância das suas afirmações nas páginas 182 e 765.

A pesar dos seus conhecimentos profundos das línguas Tupí-Guaraní, v. MARTIUS oferece uma classificação antes de mais nada geográfica:

Tupís meridionais ou Guaranís (p. 185 ss): Gua, Patos, Mimanos, Tapés, Pinarés, Guaycanas, Piturunas, Guarapí-Ava

Tupís orientais (p. 188 ss): Tpb, Tam, Tpk, Tpn, Obacutuáras, chocós, Icó, Poty-uáras (Ptg), Caetés, Tob. . .

Tupís setentrionais (p. 194 ss): Teremembés³, Nheengahíbas, Paçajás, Apents(?), Mamagamas, Anajás, Guayanas, Cambocas, Cachig-uaras(?), Omaguas-Campevas

Tupís centrais (p. 201 ss) Apk, Uyapás, Cahahybas (Kgv), Mitandués, Ababas, Temanangas(?), Tap, Pochetys

Tupís ocidentais (p. 121 ss) Chr (=Aba-Guaraní), Sir, Gry

Muitas das nações mencionadas por ele não são conhecidas por mim. Fora da classificação ele menciona outras tribos, por exemplo os "Oyambis" (Wmp, p. 767). Também menciona várias fontes que falam sobre migrações (por exemplo dos Tupinambaranas, p. 369) ou lutas de expulsão entre povos de língua Tupi-Guaraní (por exemplo da luta de 1531 entre Tupinaes e Tupinamba na ilha de Itaparica, Bahia, p. 174) Ele chega a especular sobre uma unidade entre os Karib (Karaíba, 'guerreiro') e os Tupí, uma hipótese refutada por K.V.D. STEINEN que hoje em dia está reviva por resultados novos (ver abaixo, sec. 2.4.6, p. 26. e [Rod85]), se bem que as possíveis relações são algo mais remotas que V. MARIUS imaginava.

2.1.2 A. Metraux

A obra clássica do método histórico é a obra de A. METRAUX, na qual ele menciona 15 migrações de povos Tupi-Guaraní. O resumo se vê no mapa a no anexo, p. 39.

Quanto aos pontos que nos interessam (ver sec. 2.0, p. 9), ele dá provas fortes de que os Tupí da costa migraram do sul para o norte e inclusive chegaram em Maranhão só *depois* da chegada dos Portugueses. Somente os Tupiniqim, segundo uma tradição de CARDIM, migraram recentemente de Pernambuco (que não diz que o origem primitivo seja o sul, mesmo assim). Para as duas migrações evoca provas lingüísticas: Os Chiriguano foram em tempos históricos a Bolívia, pois eles conhecem objetos da cultura europeia pelos mesmos nomes como a população de Paraguai (p. 20). Opostamente, os Tapirapé não são descendentes dos Tamoios da costa, como, por vezes, especulava-se, exatamente porque eles não conhecem estes nomes, entre eles a palavra *pacoba*, 'bauana.' Nos dois casos, e em alguns outros semelhantes, a argumentação lingüística vem de E. NORDENSKJÖLD, cuja obra lamentavelmente não foi possível consultar.

2.1.3 K. Nimuendajú

Depois de A. METRAUX ter preparado o terreno, o fundador da etnohistória e mais profundo conhecedor das migrações históricas é sem dúvida K. NIMUENDAJÚ. Já na sua revisão da obra de A. METRAUX ele sabe completar e corrigir alguns fatos [Nim28]. Quinze anos depois, produz o *mapa etnohistórico* [Nim81], até hoje em dia a obra mais completa nesta área. Porém, quanto aos Tupís e as questões que nos interessem aqui, este mapa diz pouco, sendo mais interessado na localização histórica de povos conhecidos.

³Segundo A. METRAUX (p. 3), os Teremembé não pertencem aos Tupi-Guarani.

Na sua enorme obra deve-se encontrar muitos apontamentos sobre o origem e a agrupação dos Tupí-Guaraní e dos outros povos do tronco Tupí que, no mapa, aparecem uniformemente como “Tupí”. Por exemplo, ele reconhece o parentesco entre o Mundurucu e o Tupí (ver [Nim37], na bibliografia).

2.1.4 Outros

Nos últimos 50 anos fizeram-se muitas contribuições ao conhecimento das migrações históricas, muitas vezes completando ou aprofundando os resultados pelo conhecimento de novas fontes.

Este é o caso de uma migração que tomamos como um exemplo qualquer em lugar de muitos outros e que já mencionara A. METRAUX (p. 21 s). Em 1950 re-publicou C. DRUMOND (um autor, aliás, que se deve mencionar nesta seção já somente pelas muitas contribuições que fez) uma fonte [Dru50] que diz respeito a esta migração que se efetuou nos anos 1539-1549. Esta é uma das migrações das quais somente temos conhecimento exatamente porque aconteceu nos tempos históricos: fora de alguns poucos falantes do Tupí (que não continuam até hoje em dia no norte do Peru?) não restou nada desta migração, apesar de que eram uns 13 000 índios que partiram da costa pernambucana em ca. 1539.

Queremos chamar a atenção a este fato: muitas migrações podem e devem ter tido o mesmo êxito em tempos pré-históricos também, dos quais nunca vamos tomar conhecimento.

2.1.5 Autores não consultados

Além destes autores têm muitos outros que fizeram contribuições importantes para a etnohistória. Algumas obras deles aparecem na nossa bibliografia, outras podem ser encontradas na Crítica da Etnologia Brasileira de HERBERT BALDUS e sua sucessora T. HARTMANN ([Bal54], [Bal68] e [BH84]).

Em primeiro lugar os pesquisadores do século passado e início deste século, os precursores que abriram o campo: VON MARTIUS ([Mar67]), FRANCISCO A. VARNHAGEN ([Var49]); e os fundadores: K.V.D. STEINEN ([Ste86] e [Ste94]), E. NORDENSKJÖLD ([Nor31]), THEODOR KOCH-GRÜNBERG ([KG28]), F. KRAUSE ([Kra11]), e antes dos demais PAUL EHRENREICH (cf., entre muitos outros, [Ehr91]).

Logo em seguida os autores modernos, cujos resultados podem ser encontrados, por exemplo, na grande obra coletiva editada por CARNEIRO DA CUNHA “História dos Índios do Brasil” [dC92].

2.2 Arqueologia

A arqueologia é, sem dúvida, a ciência cujos resultados tanto na profundidade temporal como no grau de certeza podem melhor ser comparados com os da lingüística. Quanto à pré-história dos povos indígenas da América do Sul, a colaboração entre estas duas ciências, lamentavelmente, está somente começando.

Ainda não foi possível, para mim, consultar a obra mais básica, nesta área, que diz respeito às migrações Tupí-Guaraní, “. . .”, de P. BROCHADO [Bro84].

Mas foi acessível a obra do orientador dele, D. LATHRAP [Lat75] cuja hipótese é basicamente a mesma como a de BROCHADO e encontra-se na tradição de VAR-

NHAGEN, quem já vimos criticado por V. MARTIUS. Nesta obra, D. LATHRAP dedica um capítulo às evidências lingüísticas, cujo conteúdo referiremos brevemente.

No início o autor dá uma introdução aos fatos básicos que servem como base nas pesquisas lingüísticas, não prestando muito atenção à terminologia lingüística ou dificuldades já mencionados (passagem de língua de um povo para um outro...).

Depois ele dá um esquema da distribuição dos dois grupos lingüísticos maiores da América do Sul: o tronco Aruak ("grupo araucano", na nomenclatura dele, mas ele não está falando do Mapuche) e o tronco Tupí (com ele: "grupo Tupí-Guaraní", dos quais destaca a família do mesmo nome por um "propriamente dito").

Os Aruak Ao falar dos Aruak, LATHRAP cita o lingüista NOBLE, aparentemente desconhecido na literatura brasileira, e refuta a hipótese deste que o origem da difusão Aruak teria sido o oriente peruano e sul do atual estado brasileiro Acre, dizendo que

"... os centros sugeridos por Noble não parecem prováveis e não posso compreender a força dos seus argumentos quanto a dados lingüísticos."

Ele argumenta pela ecologia e o padrão econômico suposto (não dando argumentos para esta sugestão), e chega à conclusão que as beiras do Alto Amazonas teriam sido o ponto de partida dos aruak que, sob pressão populacional e então em busca de um ambiente semelhante, teriam chegado por canoas os rios para cima às localizações posteriores fazendo cada vez viagens mais distantes até, com uma última onda de migração (que deu nos povos de língua maipurano⁴), chegar às Antilas.

Não sei dizer muito ao respeito desta hipótese sobre os Aruak, fora de que não entendo porque exatamente no suposto lugar de origem, de onde toda pressão populacional causou migrações intermináveis de numerosos povos, não se encontrou povo algum desta língua quando chegaram os portugueses. Também não me parece muito válido o argumento que numa região montanhosa não poderia ter crescido uma população tão forte que ela se dispersasse. A história do planalto andino parece mostrar o contrário — não eram exatamente os Incas, planaltinos, que ocuparam outros reinos, inclusive fortes, da costa?

No outro lado, se é verdade que um traço geral dos povos Aruak é a navegação, isto seria um argumento forte ao seu favor, pois essa provavelmente não tem origem numa região de cabeceiras. Também mostram os novos resultados da arqueologia e historiografia do meio Amazonas que esta região realmente era propícia para populações grandes, que pode explicar esta região como um foco de expansão. Continua estranho que não restou nenhum povo de língua Aruak no lugar da origem da dispersão.

⁴uma família de línguas do tronco Aruak, comparável com os Tupí-Guaraní dentro do tronco Tupí, com a maior dispersão geográfica

Os Tupí Em seguida LATHRAP esboça uma hipótese semelhante para os Tupí, lamentando que a pesquisa lingüística esteja subdesenvolvida em comparação com a dos Aruak.

(O contrario é o caso, pelo menos para a família Tupí-Guaraní. ⑤)

Segundo ele, os proto-Tupí-Guaraní seriam vizinhos dos proto-Aruak, possivelmente aparentados (segundo NOBLE, quanto a esta hipótese ver adiante), os Tupí vivendo no Amazonas inferior. Como aqueles, os proto-Tupí-Guaraní estariam em expansão e consequentemente em busca de terras aluviais. Podendo subir o Amazonas somente no início da expansão aruakana, os primeiros povos Tupí chegariam através do Madeira e seus afluentes cedo no atual Rondônia, onde de fato se encontra a maioria das famílias do Tronco Tupí. Posteriormente a passagem rio para cima estaria bloqueada pelos Aruak, assim que os povos Tupí-Guaraní de dispersariam ao longo dos afluentes do baixo Amazonas: Tapajós, Xingú, Tocantins / Araguaia, e, sugestivamente, pois o autor mesmo não menciona está hipótese neste capítulo, pela costa ao sul. Ele não faz referência aos Guarani na bacia do Paraná / Paraguai --- um assunto crucial no contexto desta argumentação!

Obviamente esta hipótese é (no caso dos Tupí mais ainda do que no dos Aruak) mera sugestão quanto aos fatos lingüísticos. Ela se encontra na tradição de VARNHAGEN, como nos vimos (sec. 2.1.1, p. 10).

De novo, ficam várias dúvidas:

- Originais do baixo Amazonas, porque nem os Tupí-Guaraní, nem os Tupí se direcionaram ao norte na sua busca de terras férteis?
Os Karibes não tinham, mais tarde dificuldade nenhuma em ocupar as regiões norte do Amazonas, e, como a dispersão deles se deu provavelmente bem mais tarde do que a dos Aruak e Tupí⁵, então não combina muito bem com a teoria de Lathrap o fato que não se encontrou povo Tupí algum ao norte do Amazonas.⁶ Não adianta muito, ao meu ver, afirmar que o lugar de origem teria sido a margem direita do Amazonas.
- Como no caso dos Aruak, no proposto lugar de origem dos Tupí se encontraram grandes nações de línguas muitas vezes desconhecidas, o que significa que existe a menor probabilidade de terem falado uma língua Tupí, pois esta era a língua dos exploradores que teriam notado tal semelhança.
A língua prevalecente da época colonial, o Mura, não é parente nem do Tupí, nem do Aruak, mas não se sabe muito sobre a língua da população pré-colonial que tinham um declínio incomparavelmente mais rápido que na vasta maioria das outras regiões das Américas. Os Tupinambarana chegaram da costa à ilha que traz o seu nome somente no século XVII.
- Com algum grau de certeza existe um parentesco mais próximo das línguas Guarani, falado na bacia do Paraguai por uma população grande e bem estabelecida, e Tupinambá, falado ao longo da costa toda por povos obviamente recém-chegados. Uma expansão em direção norte-sul tem alguma dificul-

⁵As línguas deles são bastante mais aparentadas entre si, que indica uma distância temporal do ponto de separação menor

⁶Os Waiãmpi chegaram lá só em tempos históricos

dade em explicar estes fatos, bem como as indicações fortes apresentadas por A. METRAUX e outros de que a costa norte teria sido colonizada pelos Tupí mais recentemente que a costa sul, inclusive com a possibilidade de os Tupí terem chegado na costa maranhense somente no início da época colonial.

Vamos retornar a esta discussão no final deste trabalho. Aqui resta dizer: não investigamos a força dos argumentos *arqueológicos* de LATHRAP nem de BROCHAUDO, mas o que o primeiro chama de evidências lingüísticas não passa de ser uma construção interessante hipotética, que tenta levar em consideração a distribuição lingüística recente dos povos em questão (e falha nesta tentativa, ao meu ver). A colaboração entre estas duas ciências não pode avançar desta maneira.

2.3 Lingüística Não-Reconstructivista

Desde a época colonial compararam-se as línguas brasileiras, prestando-se maior atenção às melhor conhecidas pelos portugueses, desde os primeiros contatos entre população indígena brasileira e europeia: as línguas Tupí-Guaraní.

Com os resultados das várias viagens dos pesquisadores do século passado começaram-se estabelecer classificações das línguas indígenas, cada vez mais abrangentes e exatas.

O espaço não permite que nós exponamos, aqui, ários autores consultados, como por exemplo a obra pioneira de F. CHAMBERLAIN [Cha13] e P. RIVET [Riv24], ou as obras de NORMAN A. McQUOWN [McQ55] e A. TOVAR [Tov61]. Partindo da bibliografia dada por ARYON RODRIGUES [Rod86], p.15s, pode-se chegar com facilidade a um número considerável de classificações, muitas vezes, porém, meramente repetindo conclusões de outras anteriores.

Inicialmente, estas classificações eram basicamente geográficas, agrupando largas famílias sem classificação lingüística interna. Nós já demos o exemplo de V. MARTIUS.

2.3.1 W. Schmidt

Na sua obra "famílias lingüísticas e conjuntos lingüísticos do mundo", Schmidt trata também dos grupos lingüísticos das Américas. Ele refere-se basicamente nas obras de D'ORBIGNY, V. MARTIUS, P. EHRENREICH, L. ADAM e P. RIVET, localizando as origens tanto dos Aruak como dos Karib ao norte do Amazonas. Quanto às migrações dos Tupí, ele refere-se a RIVET na obra "langues du Monde" ([Riv24], ver abaixo).

A classificação é basicamente geográfica, apesar do começo da lingüística comparativa por Adam e Ehrenreich:

1. **Grupo Norte** ?Miranha, Oma (=Campeva), Kok (=Ucayali), Yurimagua, Ptt (transição ao grupo central)
2. **Grupo Central**
 - (a) *Subgrupo Tapajoz*: maw, Tura, MR, Curuahe (=kur??), Apk
 - (b) *Subgrupo baixo-Xingú*: Acipaya, Tacuupa (=Tkp?), Anb, JR, mtw

(c) *Subgrupo alto-Xingú*: Kam, Tpr, awt, Canoeiros (=Ava)

3. Grupo Sul

(a) *Subgrupo Suroeste*: Chr, Gry

(b) *Subgrupo Sudeste*: Gua, Caingua (=Kwa?), Gak, Tch, Guayana

4. Grupo Leste

(a) *Subgrupo Sudeste*: Tupí propriamente, Tpb, Tpk, Gjj, Tbe, Tam

(b) *Subgrupo Nordeste*: Oyampi (=Wmp), Eme, Arquajú.

Nota-se que SCHMIDT não diferencia entre línguas da Família Tupí-Guaraní e o tronco Tupí. Isto é normal na época, muitas vezes se falava em “línguas Tupí impuras” ao se referir a línguas do tronco mas não da família.

2.3.2 Loukotka

O grande conhecedor tcheco das línguas sulamericanas e especialmente das línguas Tupí, CHESTMIR LOUKOTKA, publicou em 1950 a obra “Les Langues de la Famille Tupí-Guaraní” [Lou50] que nós referimos brevemente. Segundo ele (num outro artigo do ano 1929, [Lou29]) a origem dos Tupí-Guaraní seria a região entre o Juruena e o Arinos, no centro do atual estado brasileiro Mato Grosso.

Ele organiza sua exposição em “migrações”, ou seja, ele não se restringe a uma classificação lingüística, mas conceciona esta com a distribuição geográfica por hipóteses históricas.

1. a migração para o leste: Kam, awt
2. a primeira migração para o sul: Gua, Kwa, Tch, App, Mby
3. as tribos guaranizadas da bacia do Paraguay: Gak, Xta, Notobotocudo
4. a segunda migração para o sul: Tupí (com muitos dialetos: Tpb, Tpk, Tam, Tmm, Tpa, Ptg... e povos supostamente, tupinizados, entre estes, porém, os kat), Ava, Ten, Guajá, Manajé, Manaxo, Turiwára (=Anb), Uru, Mirán, Jakundá, Anb, Asuriní (=AsX?), Tapiraunha (=Tpr??), Nambuquara (sic!Ⓜ), Prk, Purukarod, Tkp, Takumandikái
5. a migração histórica para o norte (talvéz melhor: pré-histórica!Ⓜ): Tpr, Ampanéa
6. a migração histórica da bacia do Amazonas para o norte: Wmp, Tamakom, Kusari, Paikipiranga, kalayua, Eme, Clipurn
7. a migração histórica da bacia do Amazonas para o Oeste: Yur, Oma, Yeté, Kok, Kokamilla, Xibitaona, Pariana
8. a migração para o norte: Arawine, Apk, tapanhuna, Timaóna, raipé-Chichi, makirí, Pariuaiá, Bocaspretas, Kay, Cabahyba (=Kgv??), Ptt, kawahib (=Kgv?), Tupí do Machado (=Kgv), pauaté (=Kgv), Paranawát (=Kgv), Mia, Tak, Jfd

9. a migração para o oeste: Chr, Gry, Pau
10. as tribos guaranizados do Gran Chaco e da Bolívia: Tpe, Chn, Sir

Numa última seção, LOUKOTKA mostra seu conhecimento da diferença de línguas Tupí-Guaraní e do tronco Tupí quando trata das “línguas não-puras”. Provisoriamente oferece a seguinte classificação:

1. grupo Mundurukú: jur, chp, Arupai, mun, kur
2. com Gê: Manitsáua
3. com Aruak, Karib e outras: maw, Arapiyú
4. (sem caracterização): ram, ito, Urúmi (=uku?)
5. do grupo sul: kep, san, kab.

Uma ilustração geográfica do pensamento deste pesquisador foi colocado nos anexos (B.3, mapa c, na pág. 41). Fazendo uma comparação com classificações mais recentes, se sente que este pesquisador ordenou o assunto com validade até hoje, que faz sua opinião, quanto à questão da origem dos Tupí-Guaraní, pesar mais.

2.3.3 Rivet e Loukotka

Nós já vimos citado a obra de P. RIVET [Riv24] que ele publicou em 1924. Nós tivemos somente acesso à edição de 1952, no qual ele publica juntamente com LOUKOTKA.

Os dois não chegam bem a estabelecer uma classificação, eles restringem-se a contar todos os povos então conhecidos, indicando a localização e, por vezes, fazendo uma afirmação sobre a língua.

Quanto à origem, na edição de 1954 mantém-se a opinião anterior de Rivet que ela se encontraria no grande vale do Paraguai. Eles não mencionam a questão da migração dos Tupí da costa, mas, com a origem estimada no sul, esta deveria ter-se efetuado do sul para o norte, segundo eles.

Não damos uma lista das línguas e povos mencionados por eles, que seria pouca informativa.

2.3.4 Mason

Baseando-se às classificações até então feitas, MASON publica no “Handbook of South American Languages” uma nova classificação, constatando que

“Nenhum estudo documentado das divisões de Tupí-Guaraní numa base lingüística foi feita até agora [1963].”

Ele compartilha a visão que o ponto de partida das vastas migrações teria sido a região entre Paraná e Paraguai.

Sua classificação divide os Tupí-Guaraní em duas grandes divisões, os Tupí e os Guaraní, seguindo uma tradição cujas raízes vão até a época colonial (hoje em dia abandonada). Nós damos uma restita seleção da sua classificação.

I: Guaraní		
A Paraná		
1 Gua	1 Tpa (Tupiguae)	1 Grupo Yuruna (JR)
1 Arechane, Itaín, Tapé, ...	1 Aricobé, Amoipira	α jur: jur, xip (ashipaye)
2 Kwa	2 Tpb	β man
1 App, Caingua, Carima, Tch, Guayaná, Mby (Mbüha,...)....	1 Caeté, Guaracaico, Potiguara, Tamoyó, Timimino, Tabayára, Tpk....	γ Arupaí (Urupaya)
2 Paranaé		2 Tak (Pewa)
3 Gak		3 Alto Xingú
4 Aré (Xta, Shoclang (sicl ☒), Notobotocudo,...)		α awt "Auetö": Arawiti (Atw? ☒)
B Bolívia	B Guiana	β Arawine
1 Chr	1 Apoto	4 Divisão dp Tapajóz
1 Gry	2 Calianá	1 Kgy
1 Pau: Itatín, Guaraú-Tá, ...	3 Oyampí	α Cabahyba, Ptt, Apairande
2 Sir	1 Camacom	2 Apk
1 Nyeoze-Née, Jandé	2 Wmp (Guayampi)	α Tapanyuna (Arino)
2 Torá	3 Emerillon	3 MR
3 Porocicoa	4 Paikipiranga	α Curuaya
4 Palmares (?)	5 Cusarí	4 mwe
5 Tpe	6 Wara-Guaju	5 Wirafed
1 Yana	B Reg. Sul do Amazonas	6 Kay: Kam
2 Ubegua	1 Divisão do Araguaya	7 Tupinambarana
3 Chané	1 Nyengahiba	8 Paranawat
C Araguaya	2 Ararndevara	9 RR (Itanga)
1 Tpr	3 Miranyo (?)	α Itogapuk
2 Ava (Canoeiro)	4 Amj: Anb, Prk	10 Katukinarú
	5 TEN: Gij. Tbe. Gja	C Alto Amazonas
	6 Uru: Tur (Tururara)	1 Grupo Cocama
	7 Pacajá: Jakundá, ...	α Kok
	8 Cubenepré: Kupé-rób (Jandiahí)	β Oma
	9 Asu (?)	2 Aizuare
	10 Divisão do Xingú	α Aysuari
		β Bonama
		γ Pawana
		δ Soliman
II: Tupí		
A da Costa (Nyeengatú)		

Figura 5: Classificação de Masons

Assim, se pode ver que MASON também apresenta um agrupamento basicamente geográfico. Ele não consegue diferenciar entre línguas do tronco Tupí e da família Tupí-Guaraní e mantém a separação básica entre línguas Tupí e Guaraní, ordenando o Parentintín e o Asuriní na segunda categoria.

A sua classificação não precisa, pois, ser considerada como importante em diante.

2.3.5 H. Firestone

A "descrição e classificação do Siriono" de HOMER FIRESTONE serve como exemplo de um estudo que procura mostrar o grau de parentesco entre línguas *sem* usar o método da *ling. hist.*, mas sim, um outro, a estatística (fazendo referência a

M. SWADESH, [Swa55b]) — mas sem base reconstitutiva. O resumo gráfico desta pesquisa acha-se nos anexos (B.2, gráfico b na página 40).

O resultado, não obstante, é interessante: mostra que Guarayo e Siriono não são nada semelhantes, Siriono estando isolado e o Guarayo muito mais próximo às várias línguas Guaraní (grupo I de RODRIGUES¹), ou seja, dissipando o grupo II.

Também é interessante que o autor coloca o Kokama no mesmo nível de distância do Guaraní como o Siriono, indicando a separação, das três, há mais que 3000 anos.

Mesmo levando em conta que o Siriono pode ser um povo “tupinizado”, considero válida a afirmação de Guarani e Siriono não serem parentes próximos. Vivendo basicamente na mesma região, as semelhanças fonológicas indicadas por RODRIGUES (no estudo citado) pode ser devida a contatos posteriores.

2.3.6 J. Greenberg e Voegelin e Voegelin

Greenberg. Uma tentativa de agrupamento genético (antes de que uma classificação no sentido em cima definido) publicou com grande ressonância o lingüista norteamericano J. GREENBERG [Gre87], bem conhecido por seus trabalhos sobre universais lingüísticos, entre muitos outros trabalhos, e autor de uma classificação das línguas africanas.

GREENBERG, explicitamente, não tenta reconstruções ou outras técnicas da *ling. hist.*, mas estabelece um grau de parentesco através de semelhanças lexicais e uma análise estatística.

Não só por causa disto, ele vem sendo criticado pela tentativa, que, pelo método usado, não é capaz de diferenciar entre *empréstimos* e *cognatos* (algumas vezes inclusive, GREENBERG não reconhece *empréstimos* do Espanhol ou Português).

Damos rapidamente a afiliação do tronco Tupí segundo GREENBERG (omitindo as subdivisões não pertencentes ao Tupí):

Já mostramos que aderimos mais a um pensamento clássico que valoriza a *ling. hist.*, mas apesar disto, e a pesar de compartilhar as críticas (quando capaz de compreender), a obra de GREENBERG não deixa de ser um conjunto de hipóteses bastante fortes e empiricamente examináveis. Mas, no caso do relacionamento do tronco Tupí com as línguas Karib, aparentemente já se mostra que a intuição do mestre nem sempre é infalível. Nota-se, pois, especialmente que o Equatorial não contém a família Karib, que muito bem pode ser um parente próximo do tronco Tupí (ver adiante sec. 2.4.6).

C. e F. Voegelin. A classificação interna de C. F. e F. M. VOEGLIN ([VV77], pp. 336 ss) consta em uma mera enumeração de línguas, quanto à família Tupí-Guaraní. No tronco Tupí, os autores seguem a classificação de RODRIGUES de 1964, incluindo Awetí, Mawé e a família Mundurucú na família Tupí-Guaraní.

Citamos esta obra apesar disto, porque, querendo abarcar as línguas do mundo inteiro, o livro serve como um bom exemplo da continuação do pensamento

¹Na sua nova classificação de 85, ver 2.4.4. Daqui em seguida usamos estas siglas, grupo I a grupo VIII, sempre fazendo referência a A. RODRIGUES.

ESKIMO-ALEUT
 NA-DENE
 AMERIND

1. Amerind setentrional
2. Chibcha—Paez
3. Andino
4. Ge—Pano—Karib
 - (a) Makro—Karib
 - (b) Macro—Pano
 - (c) Macro—Ge

5. Equatorial

- (a) Macro—Arawak
- (b) Cayuwawa
- (c) Coche
- (d) Jivaro—Kadoshi
- (e) Kariri Tupí
 - i. Kariri
 - ii. Tupí
- (f) Piaraa
- (g) taruna
- (h) Timote
- (i) Trumai
- (j) ...

Figura 6: A Classificação de Greenberg

GREENBERGiano, pois VOEGELIN E VOEGELIN buscam conexões em cima dos troncos estabelecidas por ele, mas em baixo do “Amerind,” assim achado só por ele. O objetivo máximo seria, pois, incluir todas as línguas num “tronco Mundo,” como se pode ler numa edição recente da revista “Veja” — um objetivo, para uns, cada vez mais perto, para outros, cada vez mais banal.

A classificação em grupos maiores segue por vezes GREENBERG, por vezes não. O Karib continua num outro “phylum.” A parte relevante da proposta segundo esta obra:

Phylum (macro-tronco) maior para o tronco Tupí seria o “Andean—Equatorial-Phylum.” Nele, encontramos:

- 1 Andean
- 2 Macro—Jivaro
- 3 Tucano
- 4 Equatorialian
 - 1 Cariri
 - 2 Guahibo—Panigua
 - 3 Mocoa
 - 4 Arawak
 - 5 Salivan
 - 6 Timote
 - 7 Yuracea
 - 8 Zamuco
 - 9 Tupí
 - 1 Arikem
 - 2 ...
 - 3 Tupí—Guaraní

2.4 Linguística Reconstructivista

Nesta Seção, incluímos obras que usam o método da *ling. hist.* e alguns outros, que não adotam este método, mas usam as reconstruções para estabelecer suas classificações.

Incluímos também a obra de A. RODRIGUES que antecipa os trabalhos posteriores, sem mesmo basear-se em uma reconstrução.

2.4.1 A. Rodrigues: Primeiras Classificações

ARVON RODRIGUES não só é o maior especialista em línguas Tupí e lingüística indígena das terras baixas da América do Sul em geral, mas também o fundador da *ling. hist.* no Brasil, pelo menos na área das línguas indígenas — essa é a razão pela qual nós mencionamos as suas primeiras obras nesta seção, apesar de ainda não aplicarem este método.

1945: Neste ano A. RODRIGUES publicou uma comparação entre o Tupí e o Guaraní, que estabeleceu um padrão lingüístico novo na área. Ele segue P. RIVET [Riv24] e R. F. MANSUR, dando como origem primitiva dos Tupí Guaraní a região entre Paraná e Paraguay, opondo-se à tradição que dá como origem as cabeceiras do Xingú e Araguaia ou até a costa setentrional deste continente.

Vimos (sec. 2.3.4, p. 17) que, na época, era muito comum a ideia que todos os Tupí-Guaraní pertenceriam a uma das supostas duas seções destes povos: Tupí e Guaraní. Só LOUKOTKA (sec. 2.3.2) vai estabelecer a igualdade na pluralidade das línguas Tupí-Guaraní. Rodrigues já dá os primeiros passos e fala de várias dispersões em épocas diferentes ([Rod45], p. 334), mas depois continua como se os proto-Tupí-Guaraní se tivessem seperado em Guaraní e Tupí — porém, no final, ele dá a seguinte figura (figura 7), estabelecida por MANSUR, que mostra o seu entendimento dos fatos na família.

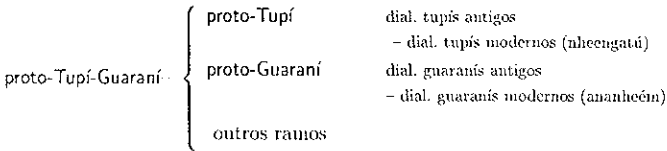


Figura 7: Classificação de 1949 por Rodrigues

A análise fonética das diferenças entre estas duas línguas que segue não precisa ser recapitulada aqui. Mas é interessante ver que serão basicamente os mesmos traços que RODRIGUES usará quase quarenta anos depois.

Para os nossos objetivos interessa também a discussão no final, na qual RODRIGUES critica M. BERTONI, estudioso do Paraguay. BERTONI, a sua vez, não concorda com v. MARTIUS e vê a costa ocupada de norte ao sul, afastando o origem dos Tupí-Guaraní até a Ásia oriental e insular (como BERTONI, tinha vários pesquisadores que achavam o Guaraní parente próximo do Japonês, talvez por

causa de uma morfologia basicamente “aglutinante”, na tipologia do século XIX). É essa mesma disputa que hoje separa BROCHADO e outros da lingüística.

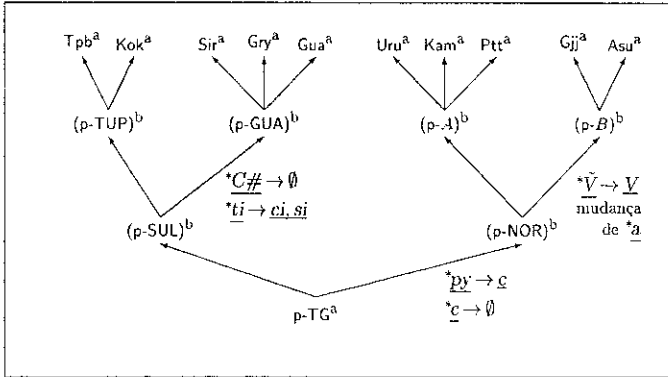
1964: Nos anos 50 A. RODRIGUES desenvolveu sua primeira classificação (publicada em Português somente em 64), por muitos anos a melhor elaborada, baseando-se no estudo comparativo e primeiros usos da *ling. hist.*, apoiado por técnicas estatísticas na maneira de SWADESH, mas já preocupado com a procura de *cognatos* verdadeiros.

Damos aqui o extrato do seu resultado; excluindo as sete famílias do tronco Tupí (hoje consideram-se dez, incluindo as línguas MR, o *awt* e o *maw* da família Tupí-Guaraní, compara sec. 3, p. 8) e nesta família uns quatorze línguas (tirando as três mencionados).

<p>1 grupo Tupí-Guaraní <i>latu sensu</i>⁸</p> <p>A Tupí-Guaraní <i>strictu sensu</i>:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Tupí (Tupinambá Tupí antigo; Nheengatú Tupí moderno). 2. Guaraní (Guaraní antigo; Avañeêem Guaraní moderno). 3. Kaiwa (Apapocúva; Mbyá). 4. Chiriguano. 5. Tapieté. 6. Chané (Chr do Izozog). 7. Guarayo. <p>B Tenetehára:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Tembé. 2. Guajajara. 3. Urubú. 4. Manajé. 5. Turiwára. 6. Anambé. <p>C Oyampí (Waiãpi)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Waiãpi. 2. Emerillon. <p>D Kawahib</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Wiraféd 2. Pawaté. 3. Parentintín. <p>E Apiaká.</p> <p>F Kamayurá.</p> <p>G Awetí (v. acima)</p> <p>H Tapirapé.</p> <p>I Xetá.</p> <p>J Pauserna.</p> <p>K Kayabí. (?)</p> <p>L Avá (Canoeiros).</p> <p>M Takunyapé. (?)</p> <p>2 Alto Amazonas</p> <p>A Kokama:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Kokama. 2. Kokamiya. <p>B Omagua.</p> <p>3 Guayakí.</p> <p>4 Mawé. (v. acima)</p> <p>5 Mundurucú (v. acima):</p> <p>A Mundurucú</p> <p>B Kuruaya</p> <p>6 Siriono. (?)</p>
---	--

Figura 8: Tupí-Guaraní interno segundo RODRIGUES 1964

Interessante é, entre outras coisas, o tratamento do Kokama e Omagua como muito distantes do Tupí da costa, a renúncia da dicotomia Tupí vs. Guaraní (em vez se juntam as línguas do sul a uma classe e as do norte em outras desta família), e a inclusão do Guarayo como dialeto do Guaraní, enquanto o Siriono tem um estado duvidoso na família.



^aAs abreviações são minúsculas (Ø), ver no anexo, sec. A, p. 36 e seguintes.

^bAs siglas das hipotéticas proto-línguas em parênteses são minúsculas (Ø).

Figura 9: Classificação de M. Lemle

2.4.2 M. Lemle: Primeira Reconstrução

O trabalho de MIRIAM LEMLE tem o mérito de ser a primeira tentativa de uma reconstrução de uma parte do léxico bastante elaborado (200 itens) do proto-Tupí-Guaraní. Com isto, é LEMLE que inicia a *ling. hist.* na área de línguas indígenas brasileiras. Subentende-se que esta obra, como várias outras nesta área, não poderia ter sido desenvolvida sem a orientação de A. RODRIGUES.

A classificação resultante é uma primeira aproximação, falhável, baseada em poucos critérios (figura 9). Mas reconhecem-se alguns traços de classificações posteriores, como p.ex. a distinção entre línguas amazônicas e línguas do sul, as últimas incluindo o Tupí e o Guaraní, que estabeleceu RODRIGUES (ver sec. 2.4.1) e que retomará, desta vez como distinção quase que binária, W. DIETRICH (ver sec. 2.4.3).

Vemos pela primeira vez o Kokama junto ao Tupí, até agora sempre considerado bastante distante. Também aparece o Guaraní num subconjunto tanto com o Guarayo como com o Siriono, que usava a ser colocado numa outra categoria.

Fora disso, vemos a crítica de CH. JENSEN que anota ([Jen89], cf. o citado na p. 26):

“No diagrama é difícil perceber o significado das regras ‘*py → ɛ’ e ‘*c → Ø.’ Se Lemle quis dizer que o grupo à direita [nosso proto-SUL, Ø] não é caracterizado por nenhuma das duas regras, o Guaraní está mal-colocado, pois, nessa língua *py → ɛ → ɛ̃. Por outro lado, se ela qui dizer que o grupo à esquerda [nosso proto-NOR, Ø] caracteriza-se pelas duas regras, ela equivocou-se na classificação da língua Parantintín em que ocorre *ɛpiag* ‘ver’ (que provém de **ɛpyak*).”

Isto indica, mais uma vez, o caráter pioneiro do trabalho de LEMLE. Ele causou, exatamente pelas questões não-resolvidas, outros estudos, entre estes trabalhos de pesquisadores do Museu Nacional (ver sec. 2.4.7, abaixo).

2.4.3 W. Dietrich

O trabalho recente de W. DIETRICH [Dic90] usa as reconstruções de um suposto proto-Tupí-Guaraní, mas, no outro lado, estabelece um agrupamento a partir de técnicas estatísticas.

A vantagem da pesquisa é que usa dados de quase todas línguas importantes da família (30 línguas), e que escolhe os critérios apropriados para investigar sobre graus de parentesco nestas línguas.

A desvantagem é que ele não chega a uma *classificação genética* no sentido da *ling. hist.*, mas estabelece graus de proximidade entre pares de línguas. E mais: ele mesmo tem que conceder que muitas vezes duas línguas parecem próximas porque ambas se distanciaram da *proto-língua* — mas muito bem podem ter-se desenvolvido em direções opostas. Isto vale, em graus menores, para qualquer par de línguas e afeta a validade do método usado.

DIETRICH justifica o seu método com a experiência nas línguas indoeuropeias, já mencionadas por mim (ver sec.1.4.2, p. 5), que a *proto-língua* pode melhor se entender como um grupo de dialetos do que uma só língua. Mas consta que até agora as formas reconstruídas para o proto-Tupí-Guaraní não trazem problemas como tais que levaram os indoeuropeístas a estas hipóteses — então, por enquanto vale tentar reconstruir o caminho de cada língua a partir do proto-Tupí-Guaraní e ver os caminhos comuns.

Apesr desta crítica achamos o trabalho de DIETRICH muito útil para demonstrar a unidade de grupos de línguas acima do nível de 8 grupos estabelecidos por RODRIGUES (ver 2.4.4), mas abaixo da família Tupí-Guaraní toda.

Antes de mais nada ele

- obtém uma classificação em dois blocos, um grupo meridional e um complexo amazônico, e
- mostra claramente quais línguas são “aberrantes.”

Quanto ao primeiro ponto, consideramos que esta diferenciação em *dois* blocos depende da escolha dos critérios que acentuam os traços típicos das línguas dos grupos I e III, destacando-as frente aos demais. Quanto ao segundo, cremos que seria importante indicar por qual razão uma língua é “aberrante”: pois isto se dá por duas causas diferentes: a) a língua em questão separou-se cedo das outras (Mawé, Awetí, Siriono(?)) ou b) influências de outras línguas, especialmente *substratos*.⁹ (Kokama, Guayakí, Siriono(?), Pauserna(?), Urubú(?))

Ele dá um resumo de seus resultados representados pela gráfica da figura 10. (Para fins de uniformidade, substituímos as siglas usadas por DIETRICH pelas nossas, ver no anexo, p. 37.)

Um mapa nos anexos ilustra esta divisão em termos geográficos (B.4, mapa d na página 42).

⁹Influências lexicais e gramaticais de uma língua *a* originalmente falada por um povo que depois adaptou uma outra língua *b*, cf. p. 4

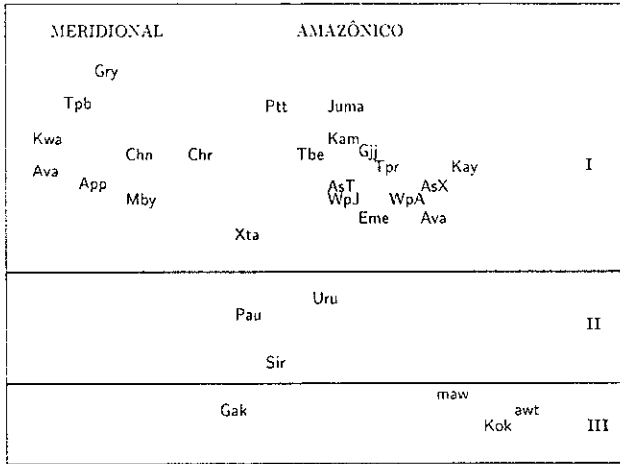


Figura 10: Agrupamento de Dietrich

2.4.4 A. Rodrigues: a Classificação Recente

Por agora o resultado final dos esforços em direção de uma classificação interna da família Tupi-Guaraní, A. RODRIGUES estabelece oito “subconjuntos” na família, sem indicar explicitamente um possível grau de parentescos entre estes, retornando (cf. sec. 2.4.1, p. 21 vs. p. 2.4.1) a separar, assim, o Tupinambá do Guaraní, p.ex.

Mas RODRIGUES dá uma lista dos critérios que usou para estabelecer sua classificação: uma lista curta (cinco, ocasionalmente seis critérios) e exclusivamente fonológica.

Assim se vê que é bem possível tentar construir uma *classificação*, que, é claro, precisa ser reelaborada e melhorada várias vezes.

Damos aqui brevemente seu resultado na **tabela 4**. Como é de costume, referimos o leitor para o mapa ilustrativo nos apêndices (B.6, mapa f, página 44).

2.4.5 Cheryl Jensen: Linguística Diacrônica (Waiãpi)

Como escreveu A. RODRIGUES na apresentação ao livro de CH. JENSEN:

“Quaisquer novos estudos diacrônicos na âmbito da família Tupi-Guaraní não de fazer necessariamente referência a este trabalho.”

De fato, o trabalho [Jen89] sobre a história da língua Waiãpi é o primeiro estudo profundo diacrônico de uma língua desta família.

JENSEN parte da reconstrução de LEMLE (ver sec. 2.4.2), modificando, onde necessário, por resultados mais recentes, e provando que esta reconstrução, base

- | | |
|-------------------------|--|
| 1: “Guaraní” | GuA, Mby, Xta, Ndv (Tch), Kwa, Gua, Gak, Tpe, Chr, Chn |
| 2: “Bolívia” | Gry, Sir, Hor |
| 3: “Tupí” | Tpb, LgP, LgA (Ngt), Kok, Kkm, Oma, |
| 4: “Tocantins–Araguáia” | Tpr, Ava, AsT (Akuáwa), Sur (Mjt), Prk, Gjj, Tbe |
| 5: “Médio Xingú” | Kay, AsX, Arw(?) |
| 6: “Tapajós–Madeira” | Ptt (Kgh), KwB, Apk |
| 7: “Alto Xingú” | Kam |
| 8: “Baixo Amazônico” | Tak, Wmp, Wpp, Eme, Amn, Anb, Tur, Gja, Uru |

Tabela 4: Os 8 subconjuntos de Rodrigues (1985)

de todos os estudos comparativos nesta família, é válida, inclusive para uma língua que LEMLE não podia levar em consideração, pois as descrições do Waiãpi foram feitos depois desta, exceto algumas anotações do século passado.

Quanto a classificações, JENSEN critica em termos moderados a tentativa de LEMLE (p. 23, esp. figura 9, cf. o citado na p. 23), constatando:

“A pesar da reconstrução feita por LEMLE ser bem elaborada, sua tentativa de classificar as línguas baseada em certas mudanças fonológicas é insuficiente. Ela não distinguiu entre processos relativamente superficiais, que ocorrem freqüentemente nas línguas e que poderiam ocorrer independentemente, e os que são menos comuns e dariam uma melhor indicação sobre a proximidade das línguas. ”

Em seguida avalia alguns critérios de LEMLE, mas lamentavelmente não chega a estabelecer uma outra e restringe-se a citar a mais recente classificação de RODRIGUES ([Rod85], ver sec. 4).

Interessante são alguns mapas com isoglossas¹⁰ que muitas vezes concordam com os subconjuntos de RODRIGUES e sugerem relações mais próximas entre subconjuntos, para simplificar, especialmente entre I, II e III e IV–VIII, respectivamente ([Jen89], pp. 145 ss). Nisto, os dados da autora coincidem bem com DIETRICH (ver sec. 2.4.3).

2.4.6 A. Rodrigues: Relações Tupi–Karib

Este artigo mostra a direção que futuros estudos devem tomar. A. RODRIGUES escreveu-o antes de publicar a nova classificação interna, usando pela primeira

¹⁰Distribuições geográficas de traços lingüísticos.

vez o método da *ling. hist.* para buscar amostras de conexões entre dois grupos lingüísticos: o tronco Tupí e a família Karib.

RODRIGUES retoma assim a uma questão que já vimos discutido por V. MARTIUS e refutado por K.V.D. STEINEN: que existe um certo parentesco entre estes dois grupos. Nos tempos modernos, a tradição de GREENBERG (ver 2.3.6) toma a posição de K.V.D. STEINEN, A. RODRIGUES e de V. MARTIUS.

Agora se mostram todas as vantagens da *ling. hist.*: RODRIGUES consegue diferenciar entre três contatos documentados por palavras em comum: um recente entre a Língua Geral ou o Waiãpi e línguas da família Karib; um segundo, remoto, que existiu entre as línguas Karibe do norte¹¹ e a família Tupí-Guaraní (e *não* o tronco Tupí!).

Num terceiro nível, RODRIGUES mostra uma lista de prováveis *cognatos*, ou seja, mostra que num passado bastante remoto, os dois grupos, tronco Tupí e família Karib, tinham uma *proto-língua* comum, hipótese refutada por GREENBERG quem quer pôr o tronco Tupí junto ao tronco Aruak (ver 2.3.6).

As evidências apresentadas por RODRIGUES são, apesar de num estado inicial e rudimentar, bastante fortes, considerando que os possíveis *cognatos* são palavras gramaticais e básicas, ou seja, uma parte do léxico que não fica tão facilmente atingido pela introdução de *empréstimos*. Futuros estudos, tanto na reconstrução do proto-Tupí como de um proto-Karib, vão estabelecer a validade desta hipótese.

Mas interessante é também o segundo contato entre a família Tupí-Guaraní e as línguas Karib do norte. Isto significa que tem evidências bastante claras que houve uma convivência ou um outro tipo de contato entre os proto-Tupí-Guaraní, depois de que estes se distanciaram das outras família do tronco Tupí (ou seja, há uns 2000 anos), e uma *parte* dos Karib, que futuramente vão ser os falantes das línguas Karib do norte do rio Amazonas.

Isto significaria dois fatos:

1. as línguas Tupí-Guaraní não têm a origem na região das línguas do tronco Tupí, pois elas se “encontram” com as línguas Karib sem que houve contato com línguas de outras famílias.
2. como pré-historicamente não havia línguas Tupí-Guaraní norte do Amazonas, mas houve um contato com as línguas Karib, (que têm representantes tanto no norte como no sul do Amazonas), é bem provável que o lugar do encontro era no sul do Amazonas.

Isto significaria que as línguas Karib do norte, e então a família Karib toda, têm o seu origem no sul do Amazonas também. Desta vez as evidências de A. RODRIGUES apoiam uma hipótese de K.V.D. STEINEN, contra toda tradição deste século.

2.4.7 Outros Trabalhos 1: O Museu Nacional

Entre os vários estudos sobre umas selecionadas línguas da família Tupí-Guaraní, nós queremos apontar à importância dos estudos de pesquisadoras e pesquisadores

¹¹Os que hoje em dia se encontram norte do Rio Amazonas.

do Museu Nacional, especialmente aqueles que comparam morfologia, fonologia ou fonética, para chegar a conclusões classificatórias.

Muitas vezes, porém, o resultado mostra que os traços mostrados pelas línguas não facilitam uma classificação genética, mas, isto sim, podem ser adquiridos independentemente. Isto leva-as muitas vezes a, cada vez mais, afastar-se de tentativas de tais classificações.

Temos por exemplo o problema deixado em aberto por LEMLE (ver sec. 2.4.2, p. 24), que causou uma revisão por YONNE LEITE, na sua classificações do Tapirapé [Lei82]. Depois temos a dissertação de MARILIA FACÓ [FS79] que trata a perda da nasalidade e outras mudanças vocálicas em Kokama, Asuriní e Guajajara, chegando à conclusão que este traço pode ser adquirido independentemente e não é, pois, um argumento forte de agrupar as três línguas tratadas num só subconjunto.

Uma pesquisa semelhante, mais uma vez sobre o mesmo problema, de M. FACÓ e Y. LEITE [FSL91], traz um teor semelhante: cada mudança lingüística (pelo menos neste caso) é devido a particularidades da 'língua-mãe' e, pois, nada arbitrário. É assim que traços que à primeira vista parecem ser específicos, não dão uma base suficiente para uma afiliação genética, porque não é improvável que línguas diferentes buscam respostas semelhantes a "questões" iguais.

Porém estes estudos, à primeira vista decepcionantes para quem busca uma classificação satisfatória já, são indispensáveis para avaliar as questões e aproximar-se a uma reconstrução do passado.

Também, trabalhos como o de R. MONSERRAT e M. FACÓ [MFS70] e o citado de LEITE [Lei82] mostram que a questão da reconstrução não saíram da vista das pesquisadoras.

O trabalho de R. MONSERRAT e M. FACÓ é particularmente interessante: as autoras usam um critério morfológico para reconstruir estágios anteriores de um conjunto grande de línguas, sugerindo o desenvolvimento de cada a partir de um proposto proto-sistema. O extrato de afiliação genética (representada pela árvore na figura 11) é uma conclusão *minha*, baseada nas sugestões de texto de MONSERRAT e FACÓ que não posso justificar aqui como mereceria.

2.4.8 Outros Trabalhos 2: O Museu Goeldi

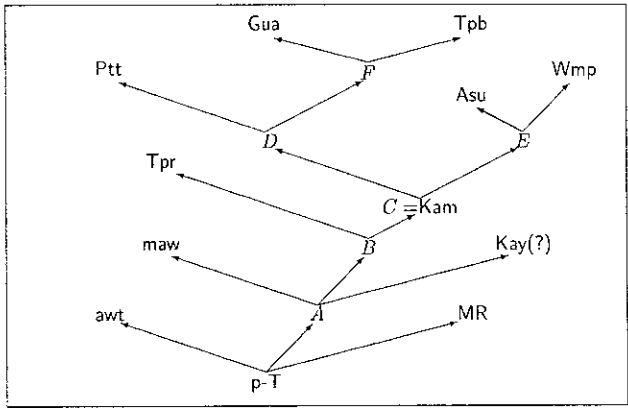
Um outro centro de estudos das línguas Tupí, além de A. RODRIGUES e do Museu Nacional, é o Museu Goeldi em Belém. Este instituto tem o mérito de (como pioneiro) estudar comparando as línguas do tronco Tupí.

Assim DENNY MOORE e A. V. GALUCIO estabeleceram a fonologia do proto-Tuparí [MG94], outra família do tronco. Estes resultados são muito importantes para se aproximar a uma reconstrução do proto-Tupí, ancestral hipotético mais remoto de todas as línguas aqui discutidas.

Já existem primeiros estudos nesta direção como o de D. MOORE sobre alguns aspectos da sintaxe das línguas do Tronco Tupí, isto é, sobre o proto-Tupí [Moo94]!

Estas reconstruções têm uma significação em duas direções:

- as reconstruções das *proto-línguas* de cada família do tronco podem ser avaliados à luz da *proto-língua* de todo o tronco, e



As abreviações são minúsculas ≡, ver no anexo, sec. A, p. 36 e seguintes. Quando partem mais que duas línguas de uma (p-T, A), isto significa que as mudanças não sugerem a sequência das separações. Provavelmente separou-se o futuro Mawé, p.ex., antes dos demais do que o Tapirapé.

Figura 11: Resultados segundo a Hierarquia Referencial

- elas vão ser usadas, por sua vez, para comparar o tronco todo com outros grupos de línguas. No caso do tronco Tupi, existem vários candidatos: o Karirí (GREENBERG [Gre87], VOEGELIN [VV77]; ver acima sec. 2.3.6), as línguas Aruak (dito, e LATHRAP, ver sec. 2.2), enquanto RODRIGUES encontra evidências para a fam. Karib (ver sec. 2.4.6) e, eventualmente, o tronco Jê.

2.4.9 G. Urban: O Primeiro Resumo

A “História da Cultura Brasileira segundo as Línguas nativas” de GREG URBAN é em estilo e objetivo a obra mais familiar com a presente, porém abrangendo, não somente um tronco, mas sim, todas as línguas brasileiras.

O autor propôs uma “hipótese das cabeceiras” (isto é, que a origem dos grandes grupos lingüísticos seria a parte alta das terras baixas da América do Sul) a qual vejo com simpatia, mas também com cautela, devido às ideias discutidas em sec. 1.4.3, p. 7, especialmente quando se trata a origem dos povos de língua Aruak.

Já a hipótese de um parentesco entre o tronco Tupi e a família Karib parece bastante provável, considerando o estudo de A. RODRIGUES ([Rod86], ver a sec. 2.4.6).

Quanto à família Tupi-Guaraní, o autor propõe uma diversificação da maneira apresentada na figura 12. Por favor conferir, também, o mapa ilustrativo nos anexos (anexo B.5, mapa e, página 43). Originais de uma região entre Madeira e Xingú, propôs para a família três ondas de dispersões, cada vez com maior alcance, sendo a última, recente, efetuada pelas línguas do grupo I e III, em termos

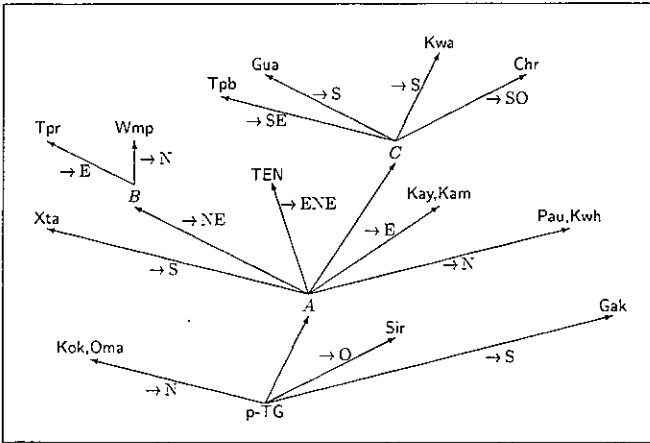


Figura 12: Diversificação Tupi-Guaraní segundo G. Urban

de RODRIGUES (ver sec. 2.4.4), assim estabelecendo uma unidade maior destas línguas, já constatada por vários autores modernos (p.ex.: DIETRICH, sec. 2.4.3; JENSEN, sec. 2.4.5).

Não sabemos avaliar se o comportamento anormal das línguas Guayacé e Xetá, também notada por DIETRICH (p. 24 ss, fig. 10) realmente provém de ondas migratórias remotas no tempo, como ele propõe, ou de uma “guaranização” destes povos, como o vê LOUKOTKA. RODRIGUES inclui estas línguas no seu grupo I (ver p. 26), anotando que eram somente os seus critérios escolhidos (restritos, ☹) que deixaram estas línguas entrar la ([Rod85], p 42).

O mesmo vale para o Kokama. DIETRICH propõe uma separação remota. RODRIGUES sugere fortemente influências de um *substrato* para dar conta de explicar a grande distância, na gramática, das demais línguas, mas a grande semelhança, na fonologia, com o Tupinambá, que faz com que ele inclua no mesmo grupo III, como já fez a sua discípula LEMLE (ver p. 23).

URBAN não segue esta tradição RODRIGUESIANA e imagina uma separação temporalmente remota das demais línguas ([Urb92] p. 92).

Mas estes são detalhes. Num modo geral, A. RODRIGUES compartilha a aviação de URBAN quanto à origem e direções de migrações na pré-história Tupi-Guaraní (comunicação pessoal no congresso da ABraLin, Salvador, 1994).

2.5 Conclusão: Uma Hipótese

Esta minha própria tentativa de uma reconstrução da pré-história dos Tupi-Guaraní segundo as evidências da lingüística não resulta de nenhuma pesquisa lingüística propriamente dito, mas é, de fato, uma elaboração das propostas feitas por URBAN e os trabalhos de A. RODRIGUES. Vamos tentar levar em conta os

resultados publicados em RODRIGUES ([Rod85], ver sec. 2.4.4), DIETRICH ([Die90], sec. 2.4.3), JENSEN ([Jen89], 2.4.5) e os trabalhos do Museu Nacional (especialmente R. MONSERRAT e M. FACÓ [MFS70] e a minha interpretação na figura 11, página 29) e do Museu Goeldi, partindo da literatura clássica, esp. LOCKOTKA ([Lou50], sec. 2.3.2).

Não posso sublinhar o suficiente o caráter preliminar e hipotético desta tentativa. Muitos estudos podem e devem ser feitos agora, uma vez que dados confiáveis ficam cada vez mais ao alcance dos interessados (enquanto as línguas cada vez mais rápidos estão desaparecendo).

Para estabelecer uma hipótese, vamos ter que dar avaliações a várias questões e propostas de respostas a várias perguntas. Nós vamos passe por passe, ilustrado por uma gráfica do estilo bem-conhecido tipo “árvore” (figura 13) e um mapa (ver anexo B.7, p. 45). As abreviações seguem às propostas no anexo A. Confere também a lista de abreviações nas páginas 37 e seguintes.

A Origem. Avaliamos que a hipótese de uma origem dos povos de línguas do tronco Tupí estar localizada na região onde se encontra a maior diversidade é provavelmente válida, isto é, a origem seria a região dos afluentes direitos do alto Guaporé, atual estado de Rondônia. Seguimos autUrban, neste ponto.

Os ancestrais de outras famílias¹² deste tronco teriam partido para o Norte (os proto-Mundurucú) e Leste (os proto-Jurúna), sendo estas as direções mais comuns de dispersão.

Mawé e Awetí. Isto vale também para os ancestrais dos proto-Tupí-Guaraní que, ainda não separados dos futuros Awetí e Mawé, com quais línguas a família Tupí-Guaraní tem um maior parentesco, devem ter partido numa direção semelhante, talvez inicialmente juntos com os proto-Mundurucú.

Avaliando a hierarquia referencial ([MFS70], sec. 2.4.7), os dados representados na figura 11 (p. 29) sugerem que o Awetí se separou mais cedo que o Mawé, mas como o Awetí mostra uma regularidade, essa pode também ser re-adquirida posteriormente, como propomos para o Kayabí.

Em qualquer caso, os proto-Awetí partiram em direção Leste, os proto-Mawé / Sateré para o Norte.

Os proto-Tupí-Guaraní. Que restou depois das cisões dos proto-Awetí e proto-Mawé / Sateré são os ancestrais dos Tupí-Guaraní, ou seja, os falantes do proto-Tupí-Guaraní. A localização deles não pode ter sido a mesma como a das demais famílias, pois eles, assim mostra RODRIGUES, tinham um contato com uma fração dos Karib, os futuros Karib do norte que, provavelmente, estavam de passagem no seu caminho ao Norte ([Rod86], ver sec. 2.4.6).

Eu acho provável, pela localização posterior dos Karib do sul, que não tinham este contato, que este se deu na região Noroeste do atual estado de Mato Grosso,

¹²Rigorosamente deveria dizer: “Os falantes de proto-línguas de outras famílias...,” para não confundir línguas com povos (cf. p. 4), mas para facilitar vou seguir escrevendo de línguas como atantes da história, em vez de seus falantes. Isto me obriga indicar claramente quando acho que uma língua pode ter passado de um povo para um outro.

talvez aos redores da Serra do Norte, onde URBAN propôs estar a origem dos Tupí-Guarani ([Urb92], p. 92), nos afluentes do Juruena, ou seja, não longe da Serra do Tombador, entre o alto Juruena e o Arinos, onde também LOUKOTKA situava a origem dos proto-Tupí-Guarani [Lou29].

Interessante que os proto-Karib, por sua vez, podem muito bem ter ancestrais comuns com os proto-Tupí, como mostra RODRIGUES no mesmo trabalho, talvez situados no Oeste de Matto Grosso.

Os Sirionó. Considero (a pesar dos meus conhecimentos retritos do Siriono, baseados basicamente em W. DIETRICH) mais provável que o Siriono é produto de uma separação bastante remota, como propôs URBAN, do que somente explicável por *substratos*, como sugere RODRIGUES, colocando-o no mesmo grupo II como o Guarayo.

Então assumimos que deste lugar, Noroeste de Matto Grosso, partiram os Siriono para o Sudeste.

As Cabeceiras I: Madeira e Tapajós. A partir daí temos que explicar o comportamento de parentesco entre as demais línguas, especialmente o agrupamento nas famílias de RODRIGUES, levando em consideração a unidade entre os grupos III e grupos IV-VIII, e entre estes mais uma vez dos grupos IV+VIII, constatado por W. DIETRICH.

Sugero uma permanência nesta região com ondas migratórias sucessivas (ou então uma migração contínua e lenta) em direção Sudeste, passando pelas cabeceiras dos grandes afluentes do Amazonas, em concordância com a teoria das cabeceiras de URBAN (sec. 2.4.9, p. 29), que seria o âmbito usual dos proto-Tupí-Guaraní.

Conforme esta proposta, cada vez que se chegou num novo sistema afluvial, escolheu um caminho diferente (ou partiu dos demais) uma seção do povo, primeiramente os ancestrais do grupo VI (Parentintín, Pauserna(?), Kawahíb, Apiaká(?)) desceram o próprio Arinos ou Teles-Pires, ficando na bacia do Madeira e se dispersando de lá depois.

Esta separação, junto com a anterior dos Siriono, é, para mim, a “primeira onda migratória” de URBAN. As demais línguas incluídas por ele, avaliamos serem produtos de Tupinizações, especialmente nos casos dos Xetá, Guayakí e Kokama / Omagua.

Logo em seguida, assim sugerem os resultados dados da figura 11, partiram os Kayabí, e então provavelmente o proto-grupo V, descendo o Tapajós, os futuros Asurini do Xingú e Araweté, porém continuando mais tarde em direção Nordeste, chegando ao médio Xingú.

As Cabeceiras II: Xingú. É capaz que partes do futuro grupo V desceram o Xingú direto, mas para uma maior clareza vamos aceitar que só um grupo partiu nas cabeceiras deste rio, os Kamayurá, ou seja, grupo VII de RODRIGUES.

Achamos, para explicar certas semelhanças entre os últimos grupos citados, que é útil assumir que estes grupos não perderam o contato entre si e, conseqüentemente, que as línguas sofreram influências mútuas.

As Cabeceiras III: O Araguaia, ou: A Grande Cisão. Agora os ancestrais dos restantes subconjuntos chegaram, sempre continuando em direção Leste/Sudeste, na fronteira entre as bacias do Araguaia e do Paraguai e Paraná.

Foi aqui, conforme minha hipótese, que se deu uma cisão grande: uma parte, pela primeira vez, saiu da grande bacia dos afluentes do Amazonas e se direcionou para o Sul, chegando no atual estado de Mato Grosso do Sul, enquanto os demais ficaram no Norte, nas cabeceiras do Araguaia. É a isto que nos referimos por “a grande cisão”.

O último grupo, fiel à bacia amazônica, começou a descer este rio (Araguaia), mas não por uma vez, mas em duas ondas. A primeira seriam os futuros falantes das línguas do grupo VIII, alguns em tempos históricos inclusive atravessando o Amazonas, no caminho conquistando ou por outra maneira passando a sua língua para alguns outros povos, por exemplo os Urubú, que o estudo de DIETRICH mostra como sendo bastante aberrante.

Sempre segundo minha hipótese, os outros, os ancestrais do futuro grupo IV, teriam seguido mais tarde, e, ao chegar no baixo Tocantins, teriam eles reencontrando os povos do grupo VIII que ficaram por ali.

Também houve contatos entre eles e outros povos, por exemplo o Kamayurá e os mais avançados (em direção Norte) do grupo V, assim que se explicaria a unidade das línguas amazônicas, estabelecido por W. DIETRICH, não por afiliação genética direta, mas por múltiplos contatos mútuos posteriores.

A Seção do Sul. Para o grupo grande que partiu para o Sul propomos o seguinte desenvolvimento: Os Guarayo teriam partido para o Oeste, encontrando os Siriono e assim causando influências que explicam o estabelecimento de um grupo II por RODRIGUES.

Os restantes, descendo o Paraguai, se separaram já há poucos séculos, os futuros Guaraní continuaram migrando para o Sul, se estabelecendo no atual Paraguai oriental e regiões adjacentes, guaranizando povos situados nesta região, como provavelmente os Xetá e Guayakí cujas línguas mais distantes da norma das línguas do sul se explicariam por estas Tupinizações ou Guaranizações.

Desta região partiram recentemente, sobre isto não tem dúvidas, os Chiriguano em direção Oeste. Eles, por sua vez, guaranizaram os Chané (Chr do Izoog), se bem que mais completamente do que foi o caso dos Xetá.

Os seus irmãos Tupí (*strictu sensu*), finalmente, teriam migrado para a costa, atravessando o Paraná e se despaliando para o norte pela costa toda em tempos pouco antes da chegada dos primeiros Portugueses.

Resta a dúvida dos Omagua e Kokama. RODRIGUES coloca eles no grupo III, ou seja, com os Tupinambá. Ora, eles fazem parte de um complexo cultural das terras aluviais do rio Amazonas, um complexo bastante diferente das culturas Tupí-Guarani propriamente. Como sugerido por RODRIGUES, aceitamos a hipótese que houve uma migração de Tupí-Guarani's para o Norte (ou mesmo Oeste), caindo nesta área e (pelo menos as mulheres) ficando absorvidos por outros povos, assim que a próxima geração aprendeu uma variedade Tupí-Guaraní como língua materna, com fortes influências de substratos.

Quando se realizou esta migração é uma questão não-resolvida por mim. Mas, se se confirmar que a base do Kokama é uma língua bastante próxima ao Tupi-nambá (o hipotético grupo III), e não tanto ao Guaraní, por exemplo, esta migração deve ter acontecido *depois* da separação dos proto-grupo III do proto-grupo I, ou seja, em tempos recentes, assim que podemos esperar resultados da historiografia e etno-historiografia (ver secs. 1.1 e 1.2) do alto e médio Amazonas.

A possibilidade destas migrações recentes em grande escala mostra o exemplo dos Chiriguano, e o outro (apesar de ter fracassado) documentado por DREMOND.

Resta constatar que têm mais incertezas que certezas ainda na pré-história tupi-guaraní. Mas esperamos ter mostrado que vale a tentativa de reconstruir o passado, e que a lingüística certamente pode contribuir nesta tentativa.

Uma observação feche o meu ensaio: Se alguém me apresentasse este trabalho para eu avaliá-lo, eu diria: “muito bonito, sua hipótese até agora pouco mais que fantástica. Agora quero ver os dados lingüísticos...” Espero que cheguemos logo ao ponto de ter uma base sólida para essas reconstruções do passado!

Apêndices

A Abreviações

Falta, na “lingüística tupinológica”, um sistema unificado de abreviaturas para o grande número de línguas e dialetos da família e do tronco. Como os estudos das línguas do Brasil estão alcançando um estágio em que surge cada vez mais a necessidade de comparar e mencionar várias línguas, seria conveniente se existisse um só sistema de abreviações em vez de criar um diferente em cada texto, o que acabaria, no mínimo, em confusão para o leitor.

Já existe um sistema de abreviações para *todas as línguas do mundo*, usado por B. GRIMES no “ethnologue” [Gri92]. Este sistema tem um objetivo muito maior do que o de cobrir as línguas da América do sul, resultando em que as abreviações para as línguas, interessantes para a nossa discussão, são, muitas vezes, contra-intuitivas. Também, este sistema não prevê nenhuma conecção para grupos de línguas (como famílias e troncos) ou para próto-línguas, e nem sempre cobre todas as línguas em questão. Por isso faço aqui uma nova proposta que quer cobrir somente as línguas interessantes para os estudos das línguas Tupí e afins. Ela pode, se surgir a necessidade, ser estendida para outros grupos lingüísticos, como as línguas Karib e Áruak, por exemplo.

As convenções foram guiadas pelo princípio que se deve poder reconhecer, por propriedades formais da sigla (abreviação) quando / se se trata de um conjunto de línguas, de uma proto-língua, de uma língua da família Tupí-Guaraní ou de uma língua de um outro grupo lingüístico. Faço uso, para tanto, de diferenças no número de letras e de letras maiúsculas e minúsculas.

Proponho, pois, as seguintes convenções:

- Conjuntos de línguas são representadas somente por letras maiúsculas. Quanto mais abrangente o conjunto, usem-se menos letras. Assim:
- siglas de *três letras, só maiúsculas* para referir-se a subconjuntos dentro da família Tupí-Guaraní, p.ex. “TEN” para as línguas Tenetehára
- siglas de *duas letras, maiúsculas*, para designar famílias de línguas do tronco Tupí (cf. o esquema da lista acima, p.ex: MR para a família Mundurucú)
- o próprio tronco Tupí (conjunto de línguas) designo por “T”
- No caso de línguas do tronco Tupí, usamos tres letras, identificando as línguas da família maior, e melhor estudada, pelo uso de letras maiúsculas e minúsculas. Então:
- siglas de *três letras, maiúsculas e minúsculas* (a primeira sendo maiúscula), para abreviar línguas da família Tupí-Guaraní (ver lista em baixo, p.ex: Tpb, AsX para Tupinambá, Asurini do Xingú)
- línguas de outras famílias do tronco Tupí igualmente por *três letras*, mas somente *minúsculas* (p.ex: awt, kar para Awetí, Karitiána)

- As proto-línguas hipotéticas ou reconstruídas designo por um ‘p’ em frente da abreviação para o grupo de línguas, p.ex. “pTG” para o Proto-Tupí-Guaraní (reconstruído) e “pTEN” para um Proto-Tenetebara¹³ (hipotético), “pT” designaria o Proto-Tupí, a “língua mãe” de todas as línguas em questão.
- As siglas de línguas e conjuntos de outros troncos, nãotupí, podem ser formadas aplicando critérios análogos, mas para diferenciá-las melhor das línguas aqui cobertas, seria bom usar quatro letras para línguas, ou então três, a primeira sendo *minúscula* e não “p”; e duas letras, uma maiúscula e uma minúscula, para conjuntos de línguas fora do tronco Tupí.

Seguindo estas diretrizes, proponho as seguintes abreviações, como um exemplo (faltam muitas línguas, especialmente de outras famílias), algumas das quais já usamos, neste trabalho:

O tronco Tupí:

T : Tupí

Famílias do tronco Tupí:

AR : Arikém
 AW : Awetí
 JR : Jurúna
 MD : Mondé
 MR : Mundurucú
 MW : Mawé
 PR : Puruborá
 RR : Ramaráma
 TG : Tupí-Guaraní
 TP : Tuparí

Línguas e Conjuntos da

Família Tupí-Guaraní

Amn : Amanayé
 Anb : Anambé
 Apk : Apiaká
 App : Apapokúva
 Arw : Araweté
 AsT : Asuríni do Tocantins
 AsX : Asuríni do Xingú
 Asu : Asuríni
 Ava : Avá (Canoeiros)
 Avn : Avañe'é (Gua do Paraguai)
 Chn : Chané (Chr do Izozog)
 Chr : Chiriguano
 Eme : Emerillon

Gak : Guayakí
 Gja : Guajá
 Gjj : Guajajara
 Gry : Guarayo
 Gua : Guaraní (*strictu sensu*)
 GuA : Guaraní Antigo
 GUA : Guaraní (*latu sensu*)
 Hor : Horá
 IZG : Izozog-Chiriguano
 Jfd : Jabotifed
 Kam : Kamayurá
 Kay : Kayabí
 Kgh : Kagwahib
 Kkm : Kokamiya
 Kok : Kokama
 Kwa : Kaiwa
 Kwb : Kawahib
 LgA : Língua Geral Amazônica
 (=Ngt)
 LgP : Língua Geral Paulista
 Maw : Mawé
 MwS : Mawé / Sateré
 Mby : Mby'á
 Mia : Mialat
 Mjt : Mujetire
 Ndv : Ñandeva
 Ngt : Nheengatú (Lg. G. da Ama-
 zônia, = LgA)
 Oma : Omagua
 Pau : Pauserna

¹³Eu uso estas proto-línguas como exemplos. Com isto, não estou afirmando que estas proto-línguas tenham existido (que, no caso do Tenetebara, é bastante provável).

Prk	: Parakanã
Ptt	: Parentintín
Pot	: Potiguara
Sat	: Sateré
Sir	: Siriono
Sur	: Suruí do Tocantins
Tak	: Takunyapé
Tam	: Tamoyo
Tbe	: Tembé
Tch	: Tchiripá
Ten	: Tenetehara (<i>strictu sensu</i>)
TEN	: Tenetehára (<i>latu sensu</i>)
Tkp	: Takunyapé
Tkt	: Takuatepe
Tmm	: Temiminó
Tob	: Tobajáras
Tpa	: Tupina
Tpb	: Tupinambá
Tpe	: Tapieté
Tpi	: Tupí
Tpk	: Tupinikím
Tpn	: Tupinás
Tpr	: Tapirapé
Tup	: Tupí (<i>strictu sensu</i> = Tpb)
TUP	: Tupí (<i>latu sensu</i> = Tpb, Pot, Tpk ...)
Tur	: Turiwára
Uru	: Urubú
Wmp	: Waiãpi
WpA	: Waiãpi do Amapari
WpJ	: Waiãpi do alto Jari
Wpp	: Waiãpipukú
Xta	: Xetá
Yur	: Yurimagua

Línguas de outras Famílias do Tronco Tupí

awt	: Awetí
chp	: Chipaya
gav	: Gavião
ito	: Itogapúk
jur	: Jurúna
kab	: Kabixiána

kar	: Karitiána
kat	: Katukina
kep	: Kepkeriwát
kur	: Kuruáya
man	: Manitsawá
maw	: Mawé
mtw	: Manitsáwa
mun	: Mundurukú
ram	: Ramarama
san	: Sanamaikã
sur	: Suruí de Rondônia
uku	: Urukú
xip	: Xipáya
zor	: Zoró

Outros Troncos e Famílias

A	: Aruak (<i>latu sensu</i>)
K	: Karib
G	: Macro-Gé
Mp	: Maipuran Aruak
Kn	: Karib do Norte
Ks	: Karib do Sul
Ge	: Gê
Nb	: Nambikwara
Tr	: Trumai (Fam. de um só membro)

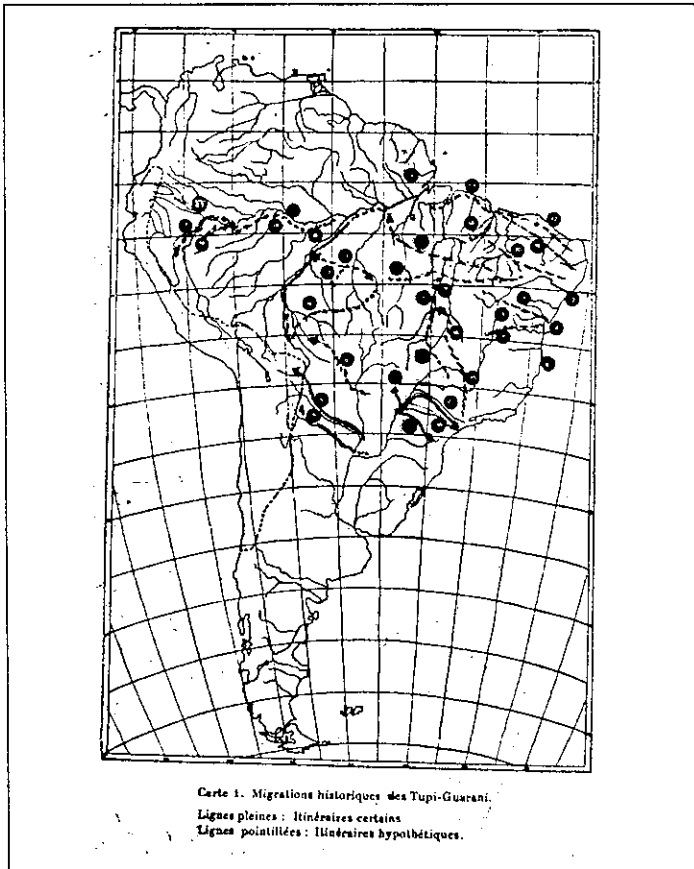
Proto-Línguas

pT	: proto-Tupí
pAR	: proto-Arikém
pAW	: proto-Awetí
pJR	: proto-Jurúna
pMD	: proto-Mondé
pMR	: proto-Mundurucú
pMW	: proto-Mawé / Sateré
pPR	: proto-Puruborá
pRR	: proto-Ramaráma
pTG	: proto-Tupí-Guaraní
pTP	: proto-Tuparí
pTNH	: proto-Tenetehara
pK	: proto-Karib
pKn	: proto-Karib do Norte
pKs	: proto-Karib do Sul

B Mapas e Gráficos

B.1 A. Metraux

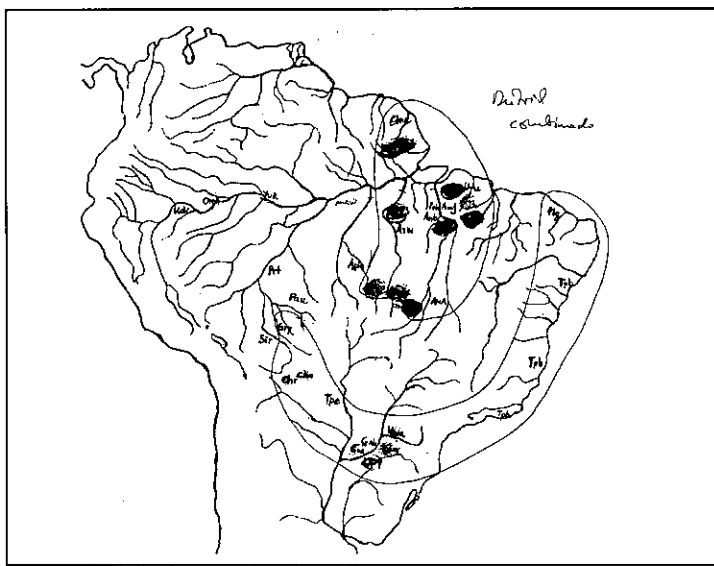
METRAUX relata mais do que 15 migrações históricas de povos Tupi-Guarani em todo o Brasil, inclusive dos Omagua, dos Waiampi e dos Chiriguano, fora dos limites deste país. Ele conclue que os habitantes originais da costa eram os "tapuya", expulsados para o interior pela força dos Tupi.



Mapa a: Migrações Históricas segundo A. Metraux

B.4 W. Dietrich

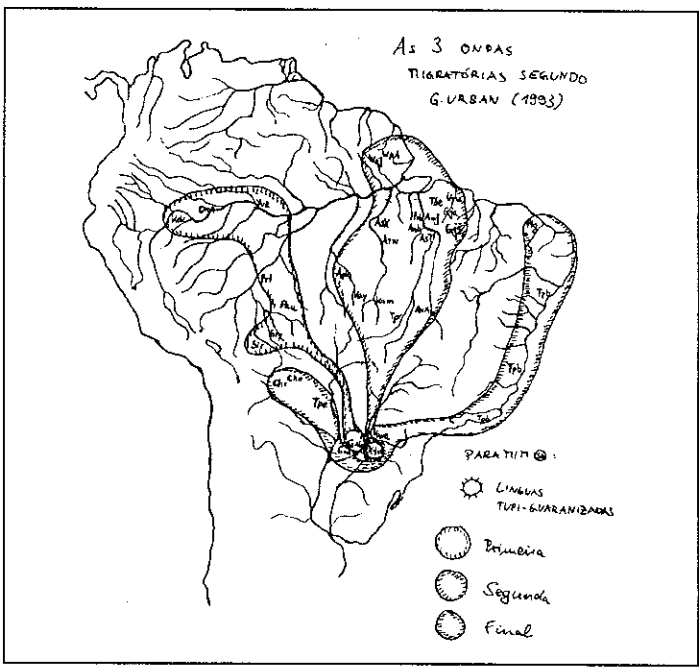
Este mapa ilustra bem a distribuição geográfica dos dois grandes complexos linguísticos que fazem a família Tupi-Guaraní para DIETRICH: A oposição se dá de fato entre as línguas da bacia do amazonas e as do sul e da costa. Este mapa combina os resultados dos dois tipos de critérios, fonológicos e morfosintáticos, que DIETRICH aplicou.



Mapa d: línguas amazônicas e não-amazônicas opostos por Dietrich.

B.5 G. Urban

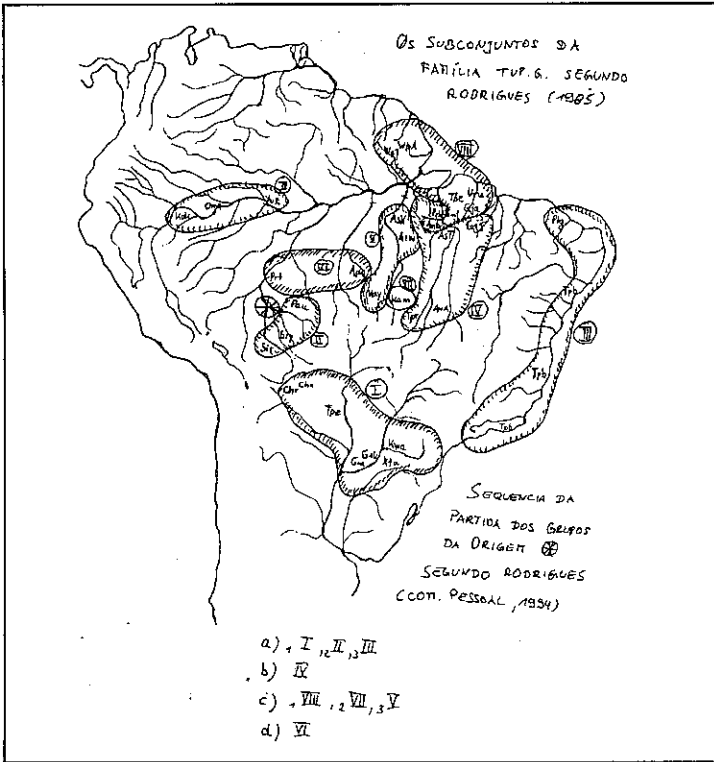
Um resumé interessante da hipótese das cabeceiras nos dá URBAN. Este mapa quer dar uma impressão das três ondas migratórias que ele propoe. Interessante que representantes das três ondas se acham muito próximos uns dos outros no baixo Paraná. Disconfio que as duas línguas em questão, o Xetá e o Guayaki, sejam línguas guaranizadas.



Mapa c: As três ondas migratórias propostas por Urban.

B.6 A. Rodrigues

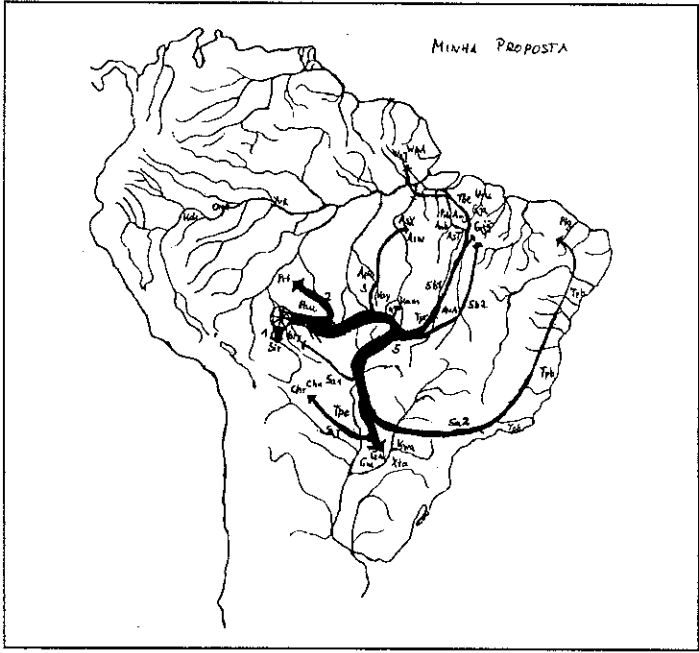
Sem se comprometer muito com rotas migratórias, ARYON RODRIGUES divide atualmente as línguas Tupí-Guaraní em oito subconjuntos. O ponto de partida imaginado por ele não está muito longe do de LOUKOTKA. Esperamos com ansiedade mais relevações sobre as relações de maior ou menor grau de parentesco destes oito conjunto – e precisamos comprovar ou alterar estes conjuntos com outros dados.



Mapa f: Os oito conjuntos estabelecidos por Rodrigues.

B.7 Uma Hipótese

Este mapa quer ilustrar o que foi proposto na seção 2.5. Não se trata de uma 'nova' posição — muito mais tentei averiguar o quanto já sabemos, e tentei aconsiliar o que há de argumentos interessantes na discussão atual. Obviamente, com novos dados e novos resultados, especialmente na área da *ling. hist.*, este resumo de hipóteses pode cair como uma casa de cartas — mas sem a imaginação audaz ficaríamos parados!



Mapa g: Uma hipótese preliminar.

Referências

- [Ayr43] PLÍNIO AYROSA. *Apontamentos para a Bibliografia da Língua Tupi-Guaraní, Etnografia e Linguística Tupi-Guaraní, vol. IV*. Editora da USP, São Paulo, 1943.
- [Bal54] HERBERT BALDUS. *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*. São Paulo, 1954.
- [Bal68] HERBERT BALDUS. *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*. Hannover, 1968.
- [BdH69] SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. A Língua-Geral em São Paulo. Em Egon Schaden, org., *Leituras de Etnologia Brasileira*, pags. 410-420. Cia. Ed. Nacional, São Paulo, 1976 [5:1969].
- [BH84] HERBERT BALDUS E THEKLA HARTMANN. *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*. Hannover, 1984.
- [Bro84] J. J. PROENZA BROCHADO. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America*. PhD thesis, University of Illinois, Urbana, 1984.
- [Cha13] ALEXANDER F. CHAMBERLAIN. Linguistic Stocks of South American Indians (with a distribution map). *American Anthropologist*, XV, 1913.
- [Cla78] HÉLÈNE CLASTRES. *Terra sem Mal*. Brasiliense, São Paulo, 1978.
- [dC92] MANUELA CARNEIRO DA CUNHA, ORG.. *História dos Índios no Brasil*. Companhia das Letras, Fapcsp, SMC, São Paulo, 1992.
- [Dic90] WOLF DIETRICH. *More Evidence on the Classification of the Tupi-Guarani Languages*. Number 12 Em Indiana Beihefte. Geb.Mann, Berlin, 1990.
- [Dru50] CARLOS DRUMOND. A Carta de Diogo Nunes e a Migração tupi-guaraní para o Perú. *Revista de História*, 1(1):95-102, 1/3 1950.
- [Ehr91] PAUL EHRENREICH. Die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unsrer Kenntnisse. *Petermanns Mitteilungen*, IV e V:81-89, 114-124, 1891.
- [Ehr95] PAUL EHRENREICH. Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens. *Zeitschr.f. Ethnologie*, 27:149-176, 1895.
- [Fir65] HOMER L. FIRESTONE. *Description and Classification of Siriono, a Tupi Guarani Language*, volume XVI. Mouton, The Hague, London, Paris, 1965.
- [FS79] MARÍLIA LOPES DA COSTA FACÓ SOARES. A Perda da Nasalidade e outras mudanças vocálicas em Kokama, Asurini e Guajajara. Master's thesis, UFRJ, Rio de Janeiro, 1979.

- [FSL91] MARÍLIA FACÓ SOARES E YONNE LETTE. Vowel Shift in the Tupi-Guaraní Language Family: A Typological Approach. Em Mary Ritchie Key, org., *Language Change in South American Indian Languages*, pags. 36-53. University of Pennsylvania Press, 1991.
- [Gre60] JOSEPH H. GREENBERG. The General Classification of Central and South American Indian Languages. *Men and Cultures*, pags. 791-794, 1960.
- [Gre87] JOSEPH H. GREENBERG. *Languages in the Americas*. Stanford Univ. Press, Stanford (Calif.), 1987.
- [Gri92] BRABARA F. GRIMES, ORG.. *Ethnologue: Languages of the World*. Summer Institute of Linguistics, Dallas, Texas, 12 edition, 1992.
- [Gud64] SARA GUDSCGINSKY. ABC of Lexicostatistics (Glottochronology). Em D. Hymes, org., *Language in culture and society: A Reader for Linguistics and Anthropology*, pags. 612-623. Harper and Row, New York, 1964.
- [Jen89] CHERYL JOYCE S. JENSEN. *O Desenvolvimento Histórico da Língua Wayampi*. Editora da Unicamp, Caupinas, 1989.
- [Kau90] TERRENCE KAUFMAN. Language History in South America: What We Know and How to Know More. Em Doris L. Payne, org., *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland American Languages*, pags. 13-73. University of Texas Press, Austin, 1990.
- [KG28] THEODOR KOCH-GRÜNBERG. Vom Roraima zum Orinoko: Ergebnisse einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913. Berlin / Stuttgart, 1916-1928. esp. vol. 2.
- [Kra11] FRITZ KRAUSE. In den Wildnissen Brasilicns. Leipzig, 1911.
- [Kru30] ALBERT KRUSE. Über die Wanderungen der Munduruku in Südamerika. *Anthropos*, XXX:831-836, 1930.
- [Laf75] DONALD W. LATHRAP. *O Alto Amazonas*. Verbo, Lisboa, 1975.
- [Lei77a] YONNE DE FREITAS LETTE. A Classificação do Tapirapé na família lingüística tupi-guaraní. Em Nelson Rossi, org., *Línguas minoritárias no Brasil*. ABraLIn, 1977.
- [Lei77b] YONNE DE FREITAS LETTE. *Aspectos da Fonologia e Morfologia Tapirapé*, volume VIII de *Lingüística*. Univ. Fed. / Mus. Nac.. Rio de Janeiro, 1977.
- [Lei82] YONNE LETTE. A classificação do Tapirapé na família Tupi-Guaraní. *Ensaio de Lingüística*, 7:25-32, 1982.
- [Lem71] MIRIAM LEMLE. Internal Classification of the tupi-guaraní Linguistic Family. Em David Bender-Samucl, org., *Tupi-Studies*, volume I, pags. 107-129. Summer Institute of Linguistics, Norman, 1971.

- [Lou29] CHESTMÍR LOUKOTKA. Le Seta, un nouveau dialecte tupi. *Journal de la Société des Americanistes de Paris*, pages 373-398, 1929.
- [Lou44] CHESTMÍR LOUKOTKA. Klassifikation der südamerikanischen Sprachen. *Zeitschrift für Ethnologie*, 74 (ANO:42):1-69, 1944.
- [Lou50] CHESTMÍR LOUKOTKA. Les Langues de la Famille Tupí-Guaraní. Em Plínio Ayrosa, org., *Etnografia e Língua Tupí-Guaraní, No. 16*, volume CIV de *Boletim. USP - FFCL*, São Paulo, 1950.
- [LR52] CHESTMÍR LOUKOTKA E PAUL RIVET. ver Rivet 52, 1952.
- [Mar67] CARL FRIEDRICH PHIL. VON MARTIUS. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's, zumal Brasiliens*, volume I, II. Friedrich Fleischer, Leipzig, 1867.
- [Mas50] JOSEPH A. MASON. Languages of South American Indians. Em Julian H. Steward, org., *Handbook of South American Indians*, volume VI. Smithsonian, Washington, 1950.
- [McQ55] NORMAN A. MCQUOWN. The Indigenous Languages of Latin America. *American Anthropologist, n.s.*, LVII, 1955.
- [Met27] ALFRED METRAUX. Migrations Historiques des Tupí-Guaraní. *Journal de la Société des Americanistes de Paris, n.s.*, LXXX:1-45, 1927.
- [MFS70] RUTH MONSERRAT E MARÍLIA FACÓ-SOARES. Hierarquia Referencial em Línguas Tupi. Museu Nacional do Rio de Janeiro, Dez. 1970.
- [MG94] DENNY MOORE E ANA VILACY GALUCIO. Reconstruction of Proto-Tupari Consonants and Vowels. Em Leanne Hinton e Margaret Langdon, orgs., *Survey of Californian and Other Indian Languages*, number Report 8 Em Proceedings dos encontros da SSILA, 1993, Belém, 1994. SSILA.
- [Mig80] ERNESTO MIGLIAZZA. The Languages of South America. ms., 1980.
- [Moo94] DENNY MOORE. A Few Aspects of Comparative Tupi Syntax. Belém, 1994.
- [MS69] BARTOMEU MELIÀ S.J. Fuentes documentales para el estudio de la Lengua Guaraní de los siglos xvii y xviii. *Suplemento Antropológico de la Revista del Atenco Paraguayo*, 4(2):113-161, Dez. 1969.
- [Nim28] KURT (UNKEL) NIMUENDAJÚ. Resenha: Metraux: Migrations Historiques...[Met27]. *Journal de la Societé des Americanistes de Paris*, XX:390-392, 1928.
- [Nim37] KURT (UNKEL) NIMUENDAJÚ. *die Verwandtschaft des Mundurukuischen mit dem Tupüschen*. Lose Blätter vom Cururú (Provinzzeitachr. der Franziskaner). Franziskaner Orden, Santo António, 1937.

- [Nin81] KURT NIMUENDAJÚ. *Mapa Etno-Histórico*. FIBGE, Rio de Janeiro, 1981.
- [Nor31] ERLAND NORDENSKJÖLD. *Origin of the Indian Civilization in South America*, volume 9 de *Comparative Ethnic Studies*. Göteborg, 1931.
- [Riv24] PAUL RIVET. *Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles*. Société de Linguistique, Paris, 1. édition, 1924.
- [Riv48] PAUL RIVET. *As origens do Homem Americano*. Sao Paulo, 1948.
- [Rod45] ARYON DALL'IGNA RODRIGUES. Diferenças Fonéticas entre o Tupi e o Guaraní. *Arquivos do Museu Paranaense*, IV:333-354, 1945.
- [Rod51] ARYON RODRIGUES. Esboço de uma Introdução ao Estudo da Língua Tupi. *Logos*, VI N.13:13-58, 1951.
- [Rod55] ARYON RODRIGUES. As línguas "impuras" da família Tupi-Guaraní. *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*, pages 1055-1071, 1955.
- [Rod64] ARYON DALL'IGNA RODRIGUES. A Classificação-Tronco Lingüístico Tupi. *Revista de antropologia*, 12:99-104, 1964.
- [Rod70] ARYON RODRIGUES. Línguas Ameríndias. Em *Grande Enciclopedia*. Delta-Larousse, Rio de Janeiro, 1970.
- [Rod78] ARYON DALL'IGNA RODRIGUES. O Sistema Pessoal do Tupinambá. *Ensaio de Lingüística (Cad.d.Ling.e...)*, pages 167-174, 1978.
- [Rod85] ARYON DALL'IGNA RODRIGUES. Relções Internas na Família lingüística tupi-guaraní. *Revista de Antropologia*, 27/28:33-53, 1985.
- [Rod86] ARYON DALL'IGNA RODRIGUES. *Línguas Brasileiras: Para o Conhecimento das Línguas Indígenas*. Loyolas, São Paulo, 1986.
- [Rod93] ARYON DALL'IGNA RODRIGUES. Línguas Indígenas. *D.E.L.T.A.*, IX, 1:83-103, 1993.
- [Rod8b] ARYON DALL'IGNA RODRIGUES. *Phonologie der Tupinambá-Sprache*. PhD thesis, Universität Hamburg, 1958b.
- [Rod5a] ARYON RODRIGUES. Evidence for Tupi-Carib Relationships. Em Harriet E.M. Klein e Louisa R. Stark, orgs., *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*, pages 371-404. Univ.o.Texas Press, Austin, 1985a.
- [RR] DARCY RIBEIRO E BERTA G. RIBEIRO. *Suma Etnológica Brasileira*.
- [RrL52] PAUL RIVET E CHESTMÍR LOUKOTKA. Langues d'america du Sud et des Antilles. Em A. Meillet e Marcel Cohen, orgs., *Les langues du monde (Par un Groupe de Linguistes etc)*, volume 2.Ed., pages 1099-1169. CNRS, Paris, 1952.

- [Sch26] P.W. SCHMIDT. *Die Sprachfamilien und Sprachenkreise der Erde*, volume No.5 de *Kulturgeschichtliche Bibliothek*. Carl Winter, Heidelberg, 1926.
- [Ste86] KARL VON DEN STEINEN. *Durch Zentralbrasilien*. Leipzig, 1886.
- [Ste94] KARL VON DEN STEINEN. *Unter den Naturvölkern Zentralbrasilien*. Berlin, 1894.
- [Suá73] JORGE SUÁREZ. South American Indian Languages. Em *Enciclopedia Britannica*, volume 17, ed.15 de *Macropedia*, pags. 105-112. 1973.
- [Swa52] MORRIS SWADESH. Lexico-statistic dating of prehistoric ethnic contacts. *Proceedings of the American Philosophical Society*, Nr.96:452-462, 1952.
- [Swa55a] MORRIS SWADESH. Towards a Satisfactory Genetic Classification of Amerindian Languages. *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*, pages 1001-1012, 1955.
- [Swa55b] MORRIS SWADESH. Towards Greater Accuracy in Lexicostatistic Dating. *International Journal of American Linguistics*, XXI:121 (ss?), 1955.
- [Swa59] MORRIS SWADESH. *Mapas de Clasificación lingüística de México y las Américas*. UNAM, México, 1959.
- [TdT84] ANTONIO TOVAR E CONSUELO LARRUCEA DE TOVAR. *Catálogo de las lenguas de América del Sur*. Gredos, Madrid, 1984.
- [Tov61] ANTONIO TOVAR. *Catálogo de las lenguas de América del Sur*. Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1961.
- [Tra48] GEORGE L. TRAGER. The Indian Languages of Brazil. *International Journal of American Linguistics*, 14:43-48, 1948.
- [Urb92] GREG URBAN. A História da Cultura Brasileira segundo as Linguas Nativas. Em da Cunha [dC92], pags. 87-102.
- [Var49] FRANCISCO ADOLPHO VARNHAGEN. Ethnographia Indígena: Línguas e Migrações.... *Journal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, XII:366-376, 1849.
- [VV77] C.F. VOEGELIN E F.M. VOEGELIN. *Classification and Index of the Worlds Languages*. Elsevier, New York, Oxford, Amsterdam, 1977.